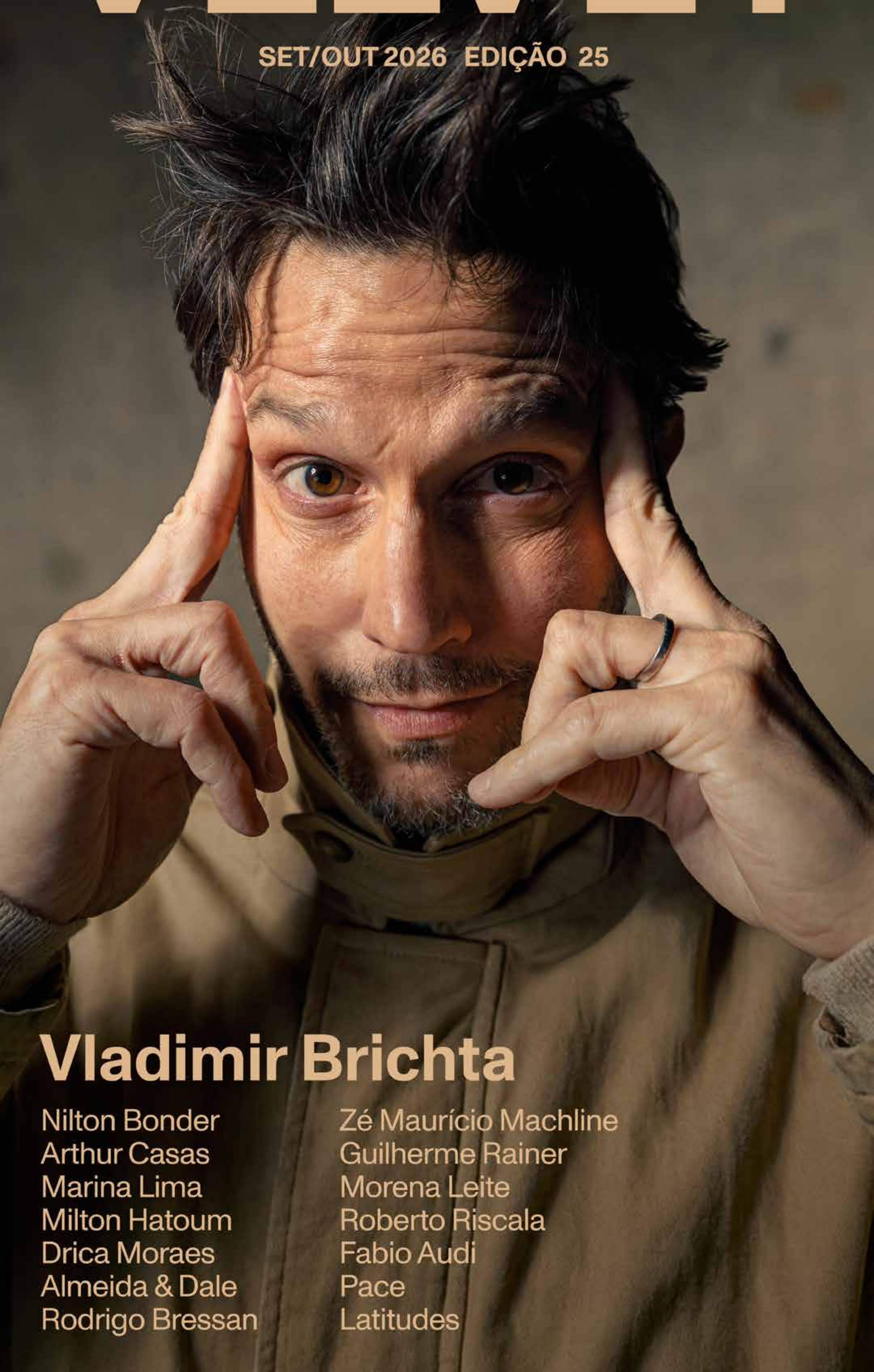


VELVET

SET/OUT 2026 EDIÇÃO 25



Vladimir Brichta

Nilton Bonder
Arthur Casas
Marina Lima
Milton Hatoum
Drica Moraes
Almeida & Dale
Rodrigo Bressan

Zé Maurício Machline
Guilherme Rainer
Morena Leite
Roberto Riscala
Fabio Audi
Pace
Latitudes

vivo

SE A VIDA CONVIDA VOCÊ VEM?

Como um espetáculo dividido em atos,
Vivo e Denise Fraga convidam o público
a se reconectar com as sutilezas da vida.

Assista à 2ª temporada

A vida convida 
com Denise Fraga

VELVET

“Nada a temer, senão o correr da luta.
Nada a fazer, senão esquecer o medo.”

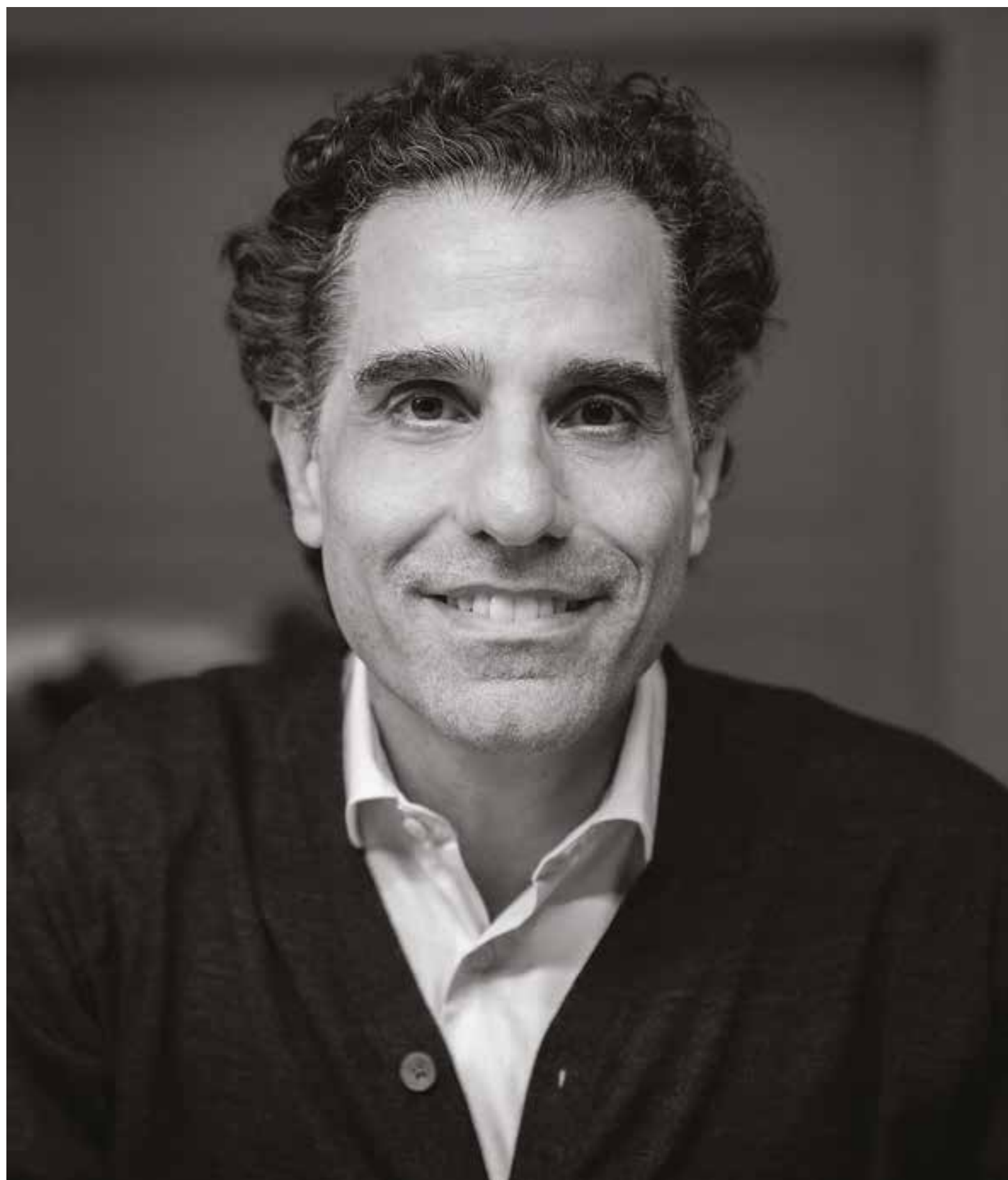
Sérgio Magrão e Luiz Carlos Sá, em “Caçador de Mim”

25



Velvet é uma publicação **vivo** 

Carta do Christian



FABIO AUDI

Há períodos em que a vida se apresenta sem mapas, o que pede uma atenção maior ao nosso próprio caminhar. Esta edição de Velvet reúne histórias de pessoas que viveram momentos assim. São trajetórias que escapam ao previsível, atravessam perdas e geram novas versões de si.

Aos 50 anos, Vladimir Brichta encara o primeiro monólogo e o silêncio do ninho vazio como sinais de uma nova etapa, uma travessia íntima em que paternidade e expectativas ganham outros contornos. É como Nilton Bonder, autor de dezenas de livros, lida com as perguntas essenciais, investigando espiritualidade e futuro como quem atravessa o tempo em busca de sentido. Há também quem transforme o próprio caminho em linguagem. Morena Leite encontra na gastronomia um território de expressão, em que identidade e afeto se entrelaçam. E Rodrigo Bressan observa

Carta do Christian

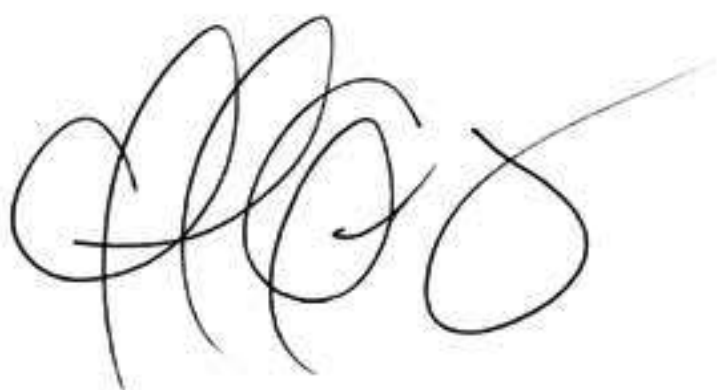
a passagem de uma psiquiatria reativa para um modelo que antecipa o cuidado, deslocando o olhar para antes da crise.

A arte se reinventa também. Marina Lima fala sobre compor após a morte do irmão, Antonio Cicero, e Milton Hatoum, ao celebrar quatro décadas de carreira, mostra como o distanciamento do tempo amplia a própria obra.

Na vida cotidiana, as travessias se revelam o tempo todo. Drica Moraes reflete sobre criar um filho homem no mundo de hoje e Alexandre Cymbalista entende viajar como exercício de deslocamento cultural, uma forma de cruzar o mundo para rever a si.

Essa ideia de travessia se expande ainda para a criação, na consolidação da galeria brasileira Almeida & Dale no cenário internacional, nos jardins de convivência do paisagista Roberto Riscala, no gesto de Zé Maurício Machline de escutar o país por meio da música, ou na arquitetura e legado de Arthur Casas.

Quando a vida convida, é importante aceitar e se fazer presente ao longo do caminho. Sair do automático e viver por inteiro essa mudança contínua, por vezes silenciosa, que é a experiência humana.



Christian Gebara, CEO da Vivo

Edição 25: Travessia



11

Vladimir Brichta
sempre plural



20

Nilton Bonder
conversa com
Christian Gebara



30

A gastronomia autoral
de Morena Leite



37

Origens e
referências
da grife Pace



45

Arthur Casas
Legados arquitetônicos

Edição 25: Travessia

A portrait of Rodrigo Bressan, a middle-aged man with a beard, wearing a dark jacket over a light blue shirt. He is resting his chin on his hand.

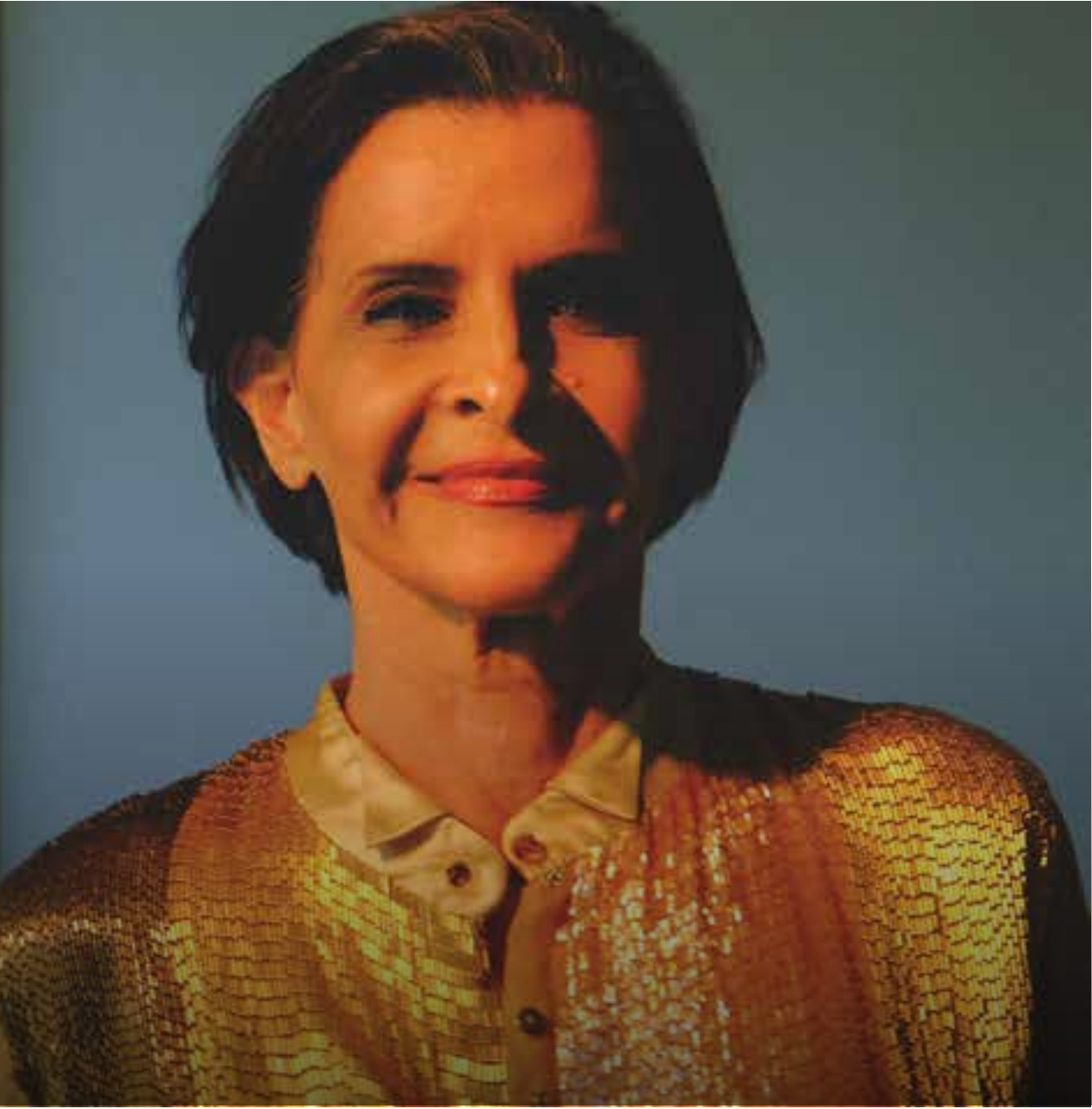
54
Saúde mental preventiva
Rodrigo Bressan

A portrait of Zé Maurício Machline, a man holding a red padlock with the word "ZÉ" on it.

63
Zé Maurício Machline
Instinto musical

A portrait of Marina Lima, a woman with short dark hair, wearing a gold sequined top.

69
O chamado de Marina Lima

A portrait of Marina Lima, a woman with short dark hair, wearing a gold sequined top.

69
O chamado de Marina Lima

A portrait of Milton Hatoum, an older man with white hair, wearing a dark shirt.

76
Milton Hatoum
Sutileza contra
a gritaria

A portrait of Drica Moraes, a woman with dark curly hair, wearing a black shirt.

84
Drica Moraes
O teatro como
transcendência

Edição 25: Travessia



Velvet é



VLADIMIR BRICHTA

Aos 50 anos, o ator encara o primeiro monólogo no palco. Após a saída dos filhos de casa, ele revisita a paternidade e sua trajetória para tentar alinhar expectativas do que ainda quer ser.



DRICA MORAES

No palco em espetáculo sobre dificuldades da maternidade, a atriz pensa em como criar um filho homem hoje e fala da dureza do mundo sem abrir mão da delicadeza de existir.



NILTON BONDER

O autor e rabino reflete sobre espiritualidade e nosso futuro cercado de tecnologia. Sua obra dialoga com questionamentos profundamente humanos que atravessam nossa experiência.



MARINA LIMA

A cantora se revela criadora em luto. Após a morte do irmão Antonio Cicero, ela conta para Joyce Pascowitch como é compor, a relação com a memória e o modo como enxerga a própria arte.

Nesta edição

Velvet é



MILTON HATOUM

Após quatro décadas de carreira, leitores de várias gerações e fronteiras cruzadas, o escritor está lançando o último volume de sua trilogia e mostra como o tempo aprofunda sua obra.



ARTHUR CASAS

O arquiteto integra espaços internos e externos com plantas e grandes vidraças e mira no futuro da construção civil para deixar seu legado.



MORENA LEITE

De Trancoso para o mundo, a chef do Capim Santo transforma vivências em linguagem gastronômica. Na cozinha, encontra a forma mais precisa de expressar identidade e afeto.



ALEXANDRE CYMBALISTA

Após mais de 20 anos no turismo, o empresário construiu um olhar próprio sobre viajar. À frente da Latitudes, ele apresenta roteiros guiados por filosofia e a importância do contato com outras culturas.



Vladimir Brichta sempre plural

TEXTO ROBERTA MALTA

FOTOS FABIO AUDI

O primeiro monólogo, o ninho vazio e os desafios de uma nova fase. Aos 50 anos, o ator revisita a própria relação com a paternidade e ensaia responder um pouco mais às próprias expectativas

Quando entro no camarim, Vladimir Brichta já está se preparando para a sessão de fotos. Chegou antes do horário combinado, experimentou todos os looks da produção e agora tira o brilho do rosto. Antes que eu faça a primeira pergunta, quer saber do meu pé, imobilizado por uma bota ortopédica. O que aconteceu, como foi a cirurgia, quanto tempo falta para a recuperação. Só depois aceita falar de si.

O assunto é “O Menor Palco do Mundo”, seu primeiro monólogo, que estreia em outubro no Teatro Vivo, com direção de Luiz Felipe Reis. Pergunto se existe um lugar onde se sente mais à vontade como ator. Vladimir não escolhe entre teatro, cinema ou TV, mas a voz muda de tom quando fala da experiência de estar em cena. “Viver aquilo junto com as pessoas tem algo de mais religioso do que fazer um trabalho e deixá-lo disponível no streaming.” Também não abre mão do processo de criação que esse tipo de arte permite. “Uma escova pode virar um tapete voador. O teatro tem um espaço para a imaginação que acho uma das coisas mais bonitas do nosso trabalho.”

Bastou ler a sinopse, escrita pelo australiano Kim Crotty, para se interessar pelo projeto. Baseado em eventos reais, o texto narra a trajetória de um pai que, após um erro que o levou à prisão, passa a inventar histórias para se manter presente na vida dos filhos, durante visitas, cartas e telefonemas. A imaginação vira o elo entre eles. Num primeiro momento, Vladimir não reconheceu nada de sua vida naquele personagem. “Eu nunca fui preso. Nunca errei como pai”, pensou. Bastaram alguns encontros com a equipe para perceber que o texto era sobre as escolhas que um homem faz ao longo da vida. “Ele está confrontando a si mesmo e o risco que suas escolhas trouxeram.” Aos poucos, a ficção abriu espaço para a vida real.

*Vladimir veste
sobretudo e calça
Foxton, suéter Oficina
e sapato acervo Podre
de Chique*





Impossível não pensar nos próprios filhos. No ano passado, Vicente, seu caçula de 19 anos, saiu de casa. Agnes, que tem 28, já havia seguido o mesmo caminho. Felipe, de 25, filho de sua mulher, Adriana Esteves, e seu enteado desde os 6 anos, também já estava com um pé dentro e outro fora. Aos 50 anos, completados em março, o ator deparou-se com o ninho vazio. Para entender a nova fase, ligou para o pai, Arno. Do outro lado da linha, a resposta de Arno foi breve: “Já passei por isso.”

Vladimir ainda pretende retomar o assunto para entender como o pai se sentiu quando a casa esvaziou. Porém, a curta troca já foi suficiente para fazê-lo lembrar de sua própria experiência com a parentalidade.

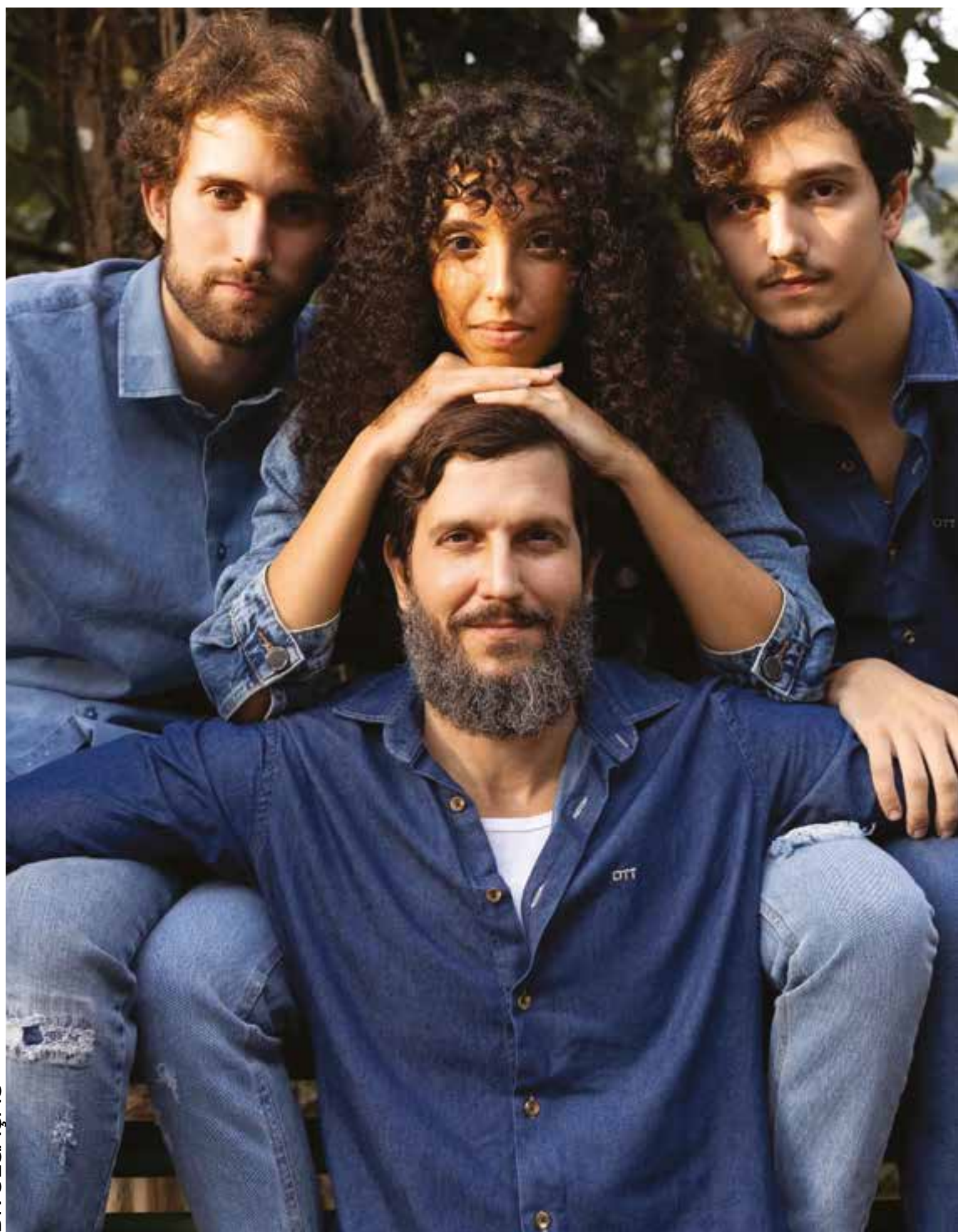
Após a separação dos pais, foi Arno quem o criou sozinho em Salvador, enquanto a mãe, Carmem, recebia os filhos para férias e feriados em Itacaré. Anos mais tarde, o exemplo do pai ganharia um novo significado quando Vladimir precisou enfrentar seu próprio desafio como pai. Em setembro de 1999, aos 23 anos, ele ficou viúvo quando sua companheira, Gena, morreu antes de a filha, Agnes, completar 2 anos. Na época, precisou dividir o tempo entre o luto, os ensaios da peça “A Máquina”, de João Falcão, e a criação da menina, contando com a ajuda da própria mãe, que assumiu os cuidados diários com a neta.

Veio então o convite para estrelar a peça no Rio. Agnes passou a alternar temporadas entre a casa do pai e a da avó materna, em Aracaju, até que, numa dessas visitas, a ex-sogra se recusou a devolvê-la. Seguiu-se uma longa disputa pela guarda. “Ela alegava que eu era ator, homem e jovem. Portanto, não teria condições de criar uma criança”, ele conta. Vladimir ficou meses sem ver a filha até que finalmente a trouxe para o Rio.

“Ficar viúvo e depois lutar pela guarda da minha filha me fez entender que ser pai era uma coisa muito importante, muito valiosa.”



*Aqui, com camisa
Handred e calça e
sapato acervo Podre
de Chique*



Com os filhos, Vicente e Agnes, e o enteado Felipe; à direita, nas gravações de “Kubanacan”, em 2003, onde conheceu Adriana

No mesmo período, a carreira deslanchava. “A Máquina” tornou-se um sucesso, veio o contrato com a TV Globo e ele se mudou de vez para o Rio de Janeiro. Aqueles anos moldaram ainda mais sua maneira de entender a paternidade. Enquanto mergulhava nessas reflexões, o passado da própria família reapareceu de forma inesperada. Pouco antes de começar os ensaios de “O Menor Palco do Mundo”, uma prima encontrou cartas que o pai de Vladimir escreveu da prisão, onde esteve durante a Ditadura Militar, para os avós do ator. Numa delas, descrevia a visita do filho mais velho e se encantava com a pureza do olhar de uma criança dentro daquele ambiente. Em outra, anunciava que um novo bebê estava a caminho. Era Vladimir, concebido enquanto o pai estava preso.

“Provavelmente fui feito com paixão e urgência”, brinca.

Ao reler aquelas cartas, o ator encontrou mais uma conexão inesperada com o pai que interpretaria no monólogo. Assim como seu pai, o protagonista do texto também tenta proteger os filhos da dureza do mundo recorrendo à imaginação. “Meu pai falava da pureza do olhar da criança, e é exatamente esse elemento usado no monólogo para construir o vínculo com os filhos”, diz. Aquele homem preso já não parecia tão distante dele quanto na primeira leitura.



Outra configuração de família

Na vida real, a família tem outra configuração. Ao lado de Adriana, com quem é casado há 20 anos, construiu uma dinâmica que define como “os meus, os seus e os nossos”. Agnes cresceu tendo Adriana como principal referência feminina. Felipe manteve uma relação próxima com o pai, Marco Ricca. Vicente, filho do casal, tornou-se, nas palavras dele, “a interseção” da família. Os três compartilham o desejo de viver da atuação.

O trabalho nunca ficou restrito a tablados e sets de filmagem. Não foram poucas as vezes em que os filhos ajudaram o casal a decorar textos de novelas. Hoje, as conversas ganharam outro tom. Agnes pede conselhos, enquanto Felipe prefere dividir as experiências. Vicente, que começou a estudar interpretação enquanto cursa Cinema, envia gravações das cenas e pede uma avaliação sem concessões. A tarefa nem sempre é simples. “Eu realmente desconfio de que sejam todos muito talentosos, com características distintas. Mas um distanciamento frio eu não teria. Se eu fosse fazer uma audição e colocassem meus filhos junto de outros atores, eu seria afetado pela passionalidade mesmo.”

A maneira como fala da própria vida ajuda a entender essa dinâmica. Vladimir quase nunca fala no singular. Ou as histórias vêm acompanhadas de um “a gente” ou os verbos aparecem no plural. Quando conta uma conquista, se lembra de quem estava ao lado dele. Quando fala da carreira, ela quase sempre vem acompanhada da amizade. Wagner Moura e Lázaro Ramos estão ao seu lado desde os primeiros anos de teatro. É com eles que divide dúvidas sobre personagens, inseguranças, escolhas profissionais e até a educação dos filhos. A amizade, diz, nunca deixou de ser um espaço de troca.

Depois de uma vida inteira construída no plural, estreia seu primeiro monólogo justamente quando tenta reservar um pouco de espaço para si. “Depois dos 50, talvez eu não seja uma pessoa melhor para os outros, mas vou ser uma pessoa melhor para mim.” Sozinho no palco, mas com a plateia cheia. ▀

“O ninho vazio me afetou profundamente. Não é o mesmo vazio vivido no espetáculo que estreia em outubro, mas também fala da relação entre proximidade e distância com os filhos. Isso é o que torna essa história tão pessoal.”



Nilton Bonder

conversa com
Christian Gebara

FOTOS LEO MARTINS

Com dezenas de livros publicados, o rabino discute espiritualidade, futuro e a necessidade de encontrar respostas para perguntas inerentes ao ser humano

O rabino e escritor Nilton Bonder tem um percurso interessante. Neto de imigrantes judeus que vieram da Ucrânia, da Rússia e de Israel logo depois da Primeira Guerra, ele nasceu em Porto Alegre. Ainda na primeira infância, mudou-se para o Rio de Janeiro e foi criado segundo as tradições judaicas, mas com um pé na areia. Nilton sempre gostou de praia e por isso ficou conhecido mais tarde como “o rabino surfista”. Começou a vida acadêmica na faculdade de Engenharia, mas deu aulas de História da Religião no colégio onde estudou a vida toda e isso despertou seu interesse em se aprofundar nos conhecimentos sobre o tema.

Decidiu se tornar rabino e, apesar das preocupações de sua mãe com as exigências dessa profissão, mudou-se para Nova York, onde estudou no Jewish Theological Seminary. De volta ao Rio, fundou, nos anos 1980, a Congregação Judaica do Brasil.

Hoje, não usa mais a prancha de surf, mas diz que ainda anda muito de bicicleta. “Adoro a realidade carioca e a aproveito. Vou quase todo dia à praia; para mim, é uma meditação”, ele conta. Não é muito de streaming e afirma que fica um pouco incomodado com a quantidade de horas que uma série demanda. “Se o filme não me afetar e for apenas distração, é tóxico para mim.” Gosta de viajar, mas cria roteiros que tenham “alguma inteligência além da paisagem”. E segue produzindo, muito.

Com mais de 30 livros publicados e o próximo, “A Segunda Mordida”, a ser lançado em outubro, Bonder é uma referência em traduzir a sabedoria ancestral para os dilemas do mundo moderno. Nesta entrevista, ele discute a transição de sua carreira, a busca por sentido em um mundo acelerado, a espiritualidade na era da hiperconexão e outros desafios da contemporaneidade.

“O Judaísmo nasceu para responder a pergunta: ‘o que a gente está fazendo aqui?’. Na antiguidade, as pessoas tinham a mesma sede que nós temos hoje de saber por que as coisas são como são.”



A sua primeira graduação foi em Engenharia Mecânica. Na adolescência, você levava uma vida típica carioca, mas foi para os Estados Unidos estudar religião. Foi uma mudança ou uma correção de rota?

Eu diria que foi uma correção de rota. Minha adolescência foi no final da Ditadura, um período em que a pressão social era para seguir carreiras tidas como “reconhecidas”, na área de exatas. Tudo que era de humanas era desprezado naquele momento político. Meu pai e meu irmão eram engenheiros, então, seguir esse caminho foi natural. Eu gostava de ciências, mas não tinha feito uma reflexão de qualidade sobre o impacto que eu queria ter na sociedade. Em dado momento, parei e me perguntei: “é isso que eu quero?”. Nunca deixei de ser esse personagem que tem racionalidade, mas passei a conjugar essa lógica com outros olhares, mais poéticos e existenciais. Foi uma busca por significado.

Você acha que suas raízes judaicas, com avós que vieram de Ucrânia, Rússia e Israel, tiveram influência na guinada de sua carreira?

Não por motivos ideológicos ou por ter raízes em uma tradição. Meus pais eram pessoas do mundo, não eram religiosos. Essa busca foi minha. Encontrei na tradição judaica aberturas para muita racionalidade. Tem questões do mundo espiritual, mas o judaísmo não é uma religião; é uma

ancestralidade em que a religião era parte da cultura e da ciência. Era o espaço para responder perguntas que a antiguidade não tinha instrumentos para entender, como “de onde viemos” e “para onde vamos”. Essas perguntas todas parecem existenciais, mas sempre foram motivadoras para entendermos o mundo em que vivemos.

A partir dessa busca, você decide ser rabino. De onde veio isso?

Toda escolha profissional é espiritual, no sentido existencial. Eu tinha essa demanda de ocupar um lugar em que as pessoas me trouxessem questões espirituais. Todos têm uma compreensão que nos encaixa no mundo, e isso é imaterial. Nós somos seres imateriais; temos um pedaço nosso que não é o corpo. O sujeito que não é meu corpo é o Nilton, este aqui que você conhece. O rabinato foi o encaixe para tratar desse personagem em mim, esse sujeito que busca agência sobre a vida. Mas somos seres humanos muito precários. Há muito que ainda não entendemos e que descrevemos como “alma”. O encaixe de tudo isso é mágico, está em um lugar que é espiritual, em uma construção de crenças que eu abraço. A nossa humanidade tem a ver com essa imaterialidade.

As religiões sempre conversaram entre si por meio de pensadores e teólogos, como você diz em sua obra, mas a intolerância religiosa tem se mostrado cada vez mais presente. Como você enxerga esse momento de falta de diálogo entre religiões, que ainda persiste em diversas partes do mundo?

Eu não vejo como um elemento descolado do mundo. As religiões parecem mais intolerantes hoje porque o mundo está assim. Com a polarização política, vemos definições cada vez mais claras de quem é opressor e quem é o oprimido, o que acaba por transformar a realidade em um Fla × Flu. O mundo hoje tem uma briga que fica na conta da religião, mas não é dela. Isso encobre questões geopolíticas. É um processo de transformação acelerado: há os que pisam no acelerador e os que pisam no freio. Os “aceleradores” de diferentes tradições, muitas vezes, conversam melhor entre si do que com os “freadores” de suas próprias casas.



Entrevistando Zélia Duncan, Marcelo Gleiser, Renato Machado e Oskar Metsavaht no podcast The Business of Life

Os que pisam no acelerador são aqueles que desobedecem? Você quer dizer que a transgressão e a desobediência têm a ver com aqueles que aceleram?

Totalmente. É uma escolha estratégica de lidar com a existência. Você tem a obediência ao passado ou o compromisso com o futuro. O “acelerador” é esse compromisso com o futuro.

Os seres humanos são bem-sucedidos em termos de sobrevivência, de organização, de aumento de população, de melhoria de qualidade de vida genética. Ganhamos décadas de vida nos últimos séculos. Devemos mexer no time que está ganhando ou não? Nós não somos moderados; nós dobramos apostas, somos ousados. A transgressão, aqui, não é o caos, é a capacidade de desbravar o novo.

Na sua obra literária “A Trilogia da Cabala”, ainda nos anos 1990, você falou de comida, dinheiro e inveja. Qual era o objetivo de misturar misticismo com a vida prática brasileira?

O objetivo era dizer que a espiritualidade não está numa igreja ou numa sinagoga, está no seu bolso, nas suas emoções, nos seus vínculos. Eu queria trazer essa espiritualidade para lugares concretos. Eu estava tentando criar uma linguagem, talvez sem tanta consciência como eu tenho hoje, de como fazer uma ponte entre o mundo do engenheiro, que tem essa preocupação absurda com a materialidade, pois, sem isso, desaba; e o mundo da alma. Queria que as pessoas entendessem que, no bolso, não está só o dinheiro, estão os seus valores. Como você gasta o seu dinheiro revela quem você é. Eu me surpreendo às vezes, para o bem e para o mal, sobre como valorizo certas coisas que eu sei que não têm esse valor todo e, ainda assim, não consigo agir para melhorar isso.

“A Alma Imoral”, escrito em 1998, tornou-se um fenômeno. Na sua visão, o que fez o público se conectar tanto com a obra?

Acho que as pessoas tinham questões em relação ao seu trabalho, aos seus casamentos, às suas relações, aos seus vínculos com a vida. Áreas nas quais tentamos preservar algo que não queremos perder. Mas o passado tem mãe e pai, tem um chão que nos estrutura. E o futuro é muito mais complexo. O importante é que o passado não nos impeça de ir em direção ao que ainda não sabemos como será. Só existe a tradição se você se entregar a ela. Mas o herói dessas tradições é alguém que consegue valorizar o passado sem ser herético em relação a tais valores.

As religiões falam que existe um lugar no céu, mas a nossa natureza não quer um lugar no céu, queremos comer e saber o que vamos vestir. O céu é esse lugar imaterial onde o Nilton que existe na minha consciência não é o Nilton da natureza. É um plano em que a gente se projeta e se percebe pequeno por se voltar apenas a si, mas na natureza cada um cuida de si mesmo, diferentemente do que pregam as tradições religiosas.

A peça de teatro de “A Alma Imoral” também é longeva, com duas décadas em cartaz. Tem um humor fino e delicadeza, em que a atriz e dramaturga Clarice Niskier contracena com a própria nudez no palco. Isso foi vital para amplificar essa mensagem?

Sem dúvida. A imoralidade que eu trazia no livro, em letrinhas, não tem o mesmo grafismo que olhar um corpo nu. A atriz não expõe a si como pessoa privada; o que ela expõe é a nossa nudez. Foi uma maneira de representar o que as palavras diziam, adicionando realidade. Quando você enxerga o corpo exposto, sem querer usar aquele corpo para obter nada, e expõe a nossa vestimenta como auditório. Foi uma forma de traduzir visualmente o que o livro propunha como reflexão.

Sobre a paranormalidade, assunto de seu livro “Zona Crepuscular: Histórias Fantásticas do Rabino”, como saber o que é real?

A nossa existência acontece num teatrinho na nossa cabeça, no imaginário. Existem encontros que não acontecem no espaço real, mas num espaço crepuscular, que tem objetos da realidade e objetos do imaginário. E esse lugar, como experiência, é totalmente real. Há uma história que não está



Alguns de seus livros, que se tornaram best-sellers

no livro, mas ilustra bem o que estou dizendo. No meu Bar Mitzvah eu era um total outsider. Minha família não pertencia àquele mundo, eu estava ali perdido, querendo ir embora. Quando me chamaram para o palco, um senhor, que eu não conhecia, tirou o meu solidéu e colocou outro na minha cabeça, dizendo: “vai com esse”. Para quem olhava de fora, foi apenas um senhor trocando um chapéu. Mas, para mim, o mundo tomou outro rumo. Aquilo foi um momento de “zona crepuscular” em que o virtual ganhou uma potência real.

Você tem falado muito sobre artificialidade humana. É possível transportar isso para as redes sociais? Nelas, há uma simulação de transparência, mas na verdade cada um escolhe o que mostrar.

O texto bíblico diz que somos imagem e semelhança do Criador, o que implica que temos a capacidade de colocar a mão na massa. Até quando percebemos o nosso corpo, nós o “vestimos” com representações. A artificialidade é a essência da nossa maneira de estar no mundo. É como as pessoas se representam hoje na internet, e você pode dizer que isso não é natural, que é esquisito, mas trata-se de uma vestimenta de outra ordem. No próximo livro eu chamo atenção para o fato de que o ser humano é artificial e isso não é bom, nem ruim.

Falando nisso, nesse livro você fala sobre “A Segunda Mordida”, que é o título da obra. O que significa essa expressão?

A “primeira mordida” é a descrita no Gênesis: o momento em que o ser humano se torna consciente de sua imaterialidade e passa a viver em uma mistura de natureza orgânica com algo artificial. Os efeitos colaterais foram descritos como horríveis, o primeiro assassinato, com Caim e Abel, a inveja, a Torre de Babel. A morte está presente na natureza diariamente, a todo instante. Agora, estamos vivendo uma “segunda mordida”, um upgrade dessa imaterialidade turbinado pela hiperconectividade. Estamos em

“Quando eu me olho no espelho ou ponho a cabeça no travesseiro, a imaterialidade se apresenta. E aí eu me vejo com a nudez das minhas intenções. Eu quero poder ver na minha inveja o retrato de quem eu sou.”



A atriz Clarice Niskier, em “A Alma Imoral”, em cartaz há duas décadas

um período de readequação, em que a tecnologia nos dá esteroides para essa dimensão imaterial. As pessoas estão se identificando com padrões totalmente novos. O desafio é encontrar indivíduos que, como Abraão fez lá atrás, consigam usar essa potência não para o abuso ou a destruição, mas para uma parceria com o imaterial, elevando a experiência humana a um novo patamar.

Será que o excesso de conexão, tão comentado hoje em dia, vai seguir por um caminho diferente do de hoje? Pode existir um novo uso da tecnologia, talvez mais benéfico, saudável, mais conectado com a imaterialidade?

Provavelmente, tudo que é novo, tudo que traz disrupção, vai trazer muita confusão, vai ter muito abuso, imaturidade, juvenilidade, ignorância. Mas essas potências estão transformando o ser humano. Temos longevidade de 20, 30 anos a mais do que as pessoas tinham há 300, 400 anos. Seu corpo foi feito para entrar em menopausa, andropausa aos 40, 50 anos e bye bye. Nós estamos transformando esse corpo e vamos ter um problema enorme para dar significado a essa transformação. E tudo isso é uma gigantesca revolução que se avizinha. E é isso que muitos cientistas vêm falando, mas os profetas do passado também diziam isso.

“Os personagens que ganham o espaço de profetas ou gurus mostram caminho para as pessoas. É fundamental que eles estejam olhando para frente e não estejam no espelho retrovisor. As religiões nascem de alguém que ilumina alguma coisa por vir.”

CURTAS

Qual o maior risco do ego?

O ego não é um problema, é uma construção artificial. O risco é quando ele perde o eixo da realidade e acha que ele é o eixo. Aí vira uma fantasia, uma idolatria baseada em ignorância.

Perdoar é generosidade com o outro ou liberdade consigo mesmo?

Começa consigo mesmo. O lugar mais honesto do perdão é pensar se você teria feito coisas semelhantes. Se você estender aos outros a mesma benevolência que usa para atenuar os seus próprios equívocos, já está ótimo.

Em tempos de redes sociais e fake news, ficou mais difícil encontrar a verdade?

É um paradoxo. Hoje, o lugar mais manipulador da verdade está com o mundo intelectual. O ignorante é fácil de desbancar com um clique; basta buscar informações factíveis. O problema é o “advogado da verdade”, que cria narrativas com meias-verdades. Ele tem uma agenda, uma função de promotor, e usa a tecnologia intelectual para prover fakes que são verdades trabalhadas. Isso é muito mais sofisticado e difícil de desmontar do que a ignorância pura. É um efeito colateral da intelectualidade: o uso do raciocínio para inverter a realidade.

Esperança é acreditar que tudo vai dar certo ou encontrar sentido quando você tem uma frustração?

É aceitar a nossa natureza transgressora e artificial como motor de sentido. Fazer parte do jogo é muito menos deprimente do que parar de jogar por medo de fazer algo que não deveria. ▣



Morena Leite

Movida a entusiasmo

TEXTO CLARISSA SAYUMI
FOTOS CRISTIANO LOPES

Com raízes em Trancoso e vivências ao redor do mundo, a chef à frente do Capim Santo descobre na gastronomia a linguagem perfeita para expressar sua autenticidade

A palavra escolhida por Morena Leite para se descrever é “entusiasmada”. Uma urgência de devorar o mundo e entender cada pessoa que senta à sua frente. Talvez por isso a cozinha nunca tenha sido apenas o lugar onde construiu uma carreira, mas a linguagem que encontrou para viver todas as vidas que desejava.

Só em São Paulo, ela toca quatro unidades do restaurante Capim Santo: nos Jardins, no Instituto Tomie Ohtake, no Solar Fábio Prado e no Hospital Sírio-Libanês. A marca ainda está presente no buffet que opera serviços privados e no Instituto, em que capacita pessoas em vulnerabilidade social como profissionais em gastronomia. Em Inhotim, inaugurou recentemente a Comedoria Oitica e o Café das Flores, com cardápio inspirado nas macrorregiões de Minas Gerais. E, como sobra entusiasmo, administra também uma pousada e um restaurante na Bahia.

Foi lá, aliás, que começou a história de Morena, muito antes dos restaurantes premiados, dos eventos internacionais ou da empresa que hoje reúne centenas de colaboradores. Seus pais decidiram começar uma nova vida em Trancoso, no início dos anos 1980, quando o vilarejo baiano era o cenário perfeito para uma pequena comunidade hippie. Eles buscavam uma vida em harmonia com a natureza, plantando mandioca, banana e batata. Viver do que a terra dá. “Queriam ser livres”, ela conta. “Mas a liberdade também precisa de regras.”

Então, a comunidade não deu certo. O que deu certo foi a cozinha. Em 1982, a mãe começou a cozinhar para os visitantes dentro da própria casa. Três anos depois, nasceu o restaurante. Em seguida, a pousada. Foi ali, entre panelas e mesas ocupadas por viajantes do mundo inteiro, que Morena aprendeu seu primeiro ofício: observar pessoas. Circulava entre os clientes, fazendo perguntas para entender quem eram aquelas pessoas que chegavam de tão longe e o que as fazia diferentes. Não demorou para alguém perguntar por que ela não estudava Antropologia. Também pensou em ser jornalista. Flertou com a ideia de cursar Relações Internacionais e sorri ao lembrar dessa sucessão de caminhos sonhados.



*Com as
filhas
Manuela e
Júlia*

Morena é chef, empresária, escritora, anfitriã, mas nenhuma dessas palavras parece suficiente, já que sua cozinha nunca foi apenas sobre cozinhar. Porém, foi só quando estudou em Cambridge que essa percepção ganhou forma. Dividia o quarto com uma russa judia, uma turca muçulmana e uma cambojana budista e, pela primeira vez, convivia diariamente com pessoas que carregavam culturas, religiões e hábitos completamente diferentes dos seus. Foi observando a maneira como elas comiam que percebeu que a comida também era uma forma de compreender as pessoas.

Pouco tempo depois, uma amiga francesa a levou para passar um fim de semana em Paris, onde veio a segunda descoberta. A França respirava gastronomia como expressão de cultura, e Morena entendeu que não precisava escolher entre estudar gente e cozinhar; poderia fazer as duas coisas ao mesmo tempo. A cozinha seria sua forma de investigar o mundo e, assim, seguiu para a Le Cordon Bleu.

“Quis seguir diversas carreiras na comunicação, mas acho que a vida me permitiu fazer tudo isso de dentro da cozinha.”

*Ceviche de peixe com
palmito pupunha e
coco, servido no coco*





À esq., Salada Morna de Lula, com lula baby sauté, tomate cereja, rúcula e azedinha fresca; acima, a cocada de forno

Coragem e medo podem dividir o mesmo prato

Talvez essa seja a melhor maneira de compreender Morena Leite, já que ela própria se define como uma pessoa antagônica. “Começa pelo meu nome: Morena Leite, sou clara e escura”, reflete. Cresceu em um vilarejo hippie que se transformou em um dos destinos mais sofisticados do país, mas pode passar a manhã na Rocinha ou no Complexo do Alemão e, no dia seguinte, participar de encontros na Riviera Francesa. Usa sandálias de borracha com a mesma naturalidade com que frequenta alguns dos hotéis e restaurantes mais exclusivos do mundo. “Talvez eu não seja totalmente de nenhum dos dois mundos”, pondera. Mas talvez, justamente por isso, consiga pertencer a todos eles.

Hoje em dia não fica muito na cozinha. “Estou mais em reuniões, nas estratégias, nas ideias.” Então, durante a pandemia, resolveu reformar sua casa em Trancoso e construiu uma cozinha ampla para voltar às origens e, em vez de criar um novo restaurante, abriu a própria casa. Todos os meses, desde então, durante a lua cheia, apenas 12 pessoas se sentam à sua mesa. O menu degustação muda conforme os ingredientes, as marés e as histórias. Ali, Morena cozinha, serve, senta-se ao lado dos convidados e transforma o jantar em uma longa conversa sobre memória, território e afeto.

A cena diz muito sobre sua ideia de hospitalidade, já que, para ela, um restaurante nunca foi apenas um lugar onde se come. “É um templo”, define. “Tudo precisa contar uma história.” A louça, a trilha sonora, os uniformes, a iluminação, o ritmo do serviço. Cada detalhe precisa fazer parte da mesma narrativa.

Sua casa também passou a funcionar assim, com quartos que recebem hóspedes e livros que ficam disponíveis para quem quiser folheá-los. Não existe uma fronteira muito clara entre trabalho e vida pessoal. “Estou sempre de férias e estou sempre trabalhando”, ela afirma, em frase que parece contraditória, mas faz sentido quando se observa sua rotina. Ela admite que dorme pouco e está constantemente viajando para passar períodos em Paris, Londres ou cidades pelo Brasil. O próximo destino é Tânger, no Marrocos.

Aos 46 anos, diz sentir que ainda tem 16 e tenta preservar aquilo que costuma desaparecer na vida adulta: a disposição para experimentar. Experimentar um país, uma amizade, um ingrediente, uma ideia, uma versão diferente de si mesma. Nenhum diploma foi capaz de limitar a curiosidade que a move desde menina. No fim, a cozinha encontrou uma forma de reunir todas essas vidas em uma só. Porque, para Morena Leite, cozinhar nunca foi o destino, sempre foi a maneira mais bonita de continuar fazendo perguntas, conhecendo pessoas e contando histórias. ▣

“Mudar de cenário é uma forma de não endurecer. Gosto da sensação de voltar a ser desconhecida. De caminhar por uma cidade onde ninguém sabe quem sou. É um exercício consciente de sair do próprio personagem.”



Há 29 anos no Brasil.

A primeira, melhor
e favorita desde 1925.

lecreuset.com.br



PACE SUCESSO FORA DO ROTEIRO

TEXTO EDUARDO VIVEIROS
FOTOS VANS BUMBEERS

Felipe e Juliana Matayoshi relembram a construção da Pace, marca nascida do encontro entre referências familiares, herança okinawana e design contemporâneo

Em Teshima, uma pequena ilha japonesa com população que não chega a mil habitantes, Felipe e Juliana Matayoshi entraram em um restaurante sem grandes expectativas. Tinham escolhido o lugar porque era a única opção aberta naquela noite, já preparados pelas avaliações online sobre o atendimento seco da proprietária. Sentaram-se, fizeram o pedido e ainda aguardavam a comida quando um rapaz entrou no salão e caminhou decidido na direção do casal. Felipe diz que demorou alguns segundos para entender o que estava acontecendo, até que o jovem pediu uma foto. Ele vestia uma calça jeans da Pace.

A marca, criada por eles na Zona Leste de São Paulo, havia chegado até à ilha vizinha de Naoshima, conhecida pelo circuito de arte e arquitetura contemporânea, no Sudoeste do Japão, país que faz parte da herança familiar e inspira o trabalho do estilista. O entusiasmado fã comprou a peça em Kawasaki e, contra qualquer hipótese, reconheceu os fundadores brasileiros ao olhar pela janela de um restaurante

do outro lado do mundo. “Foi um daqueles momentos que fazem a gente pensar: acho que agora estamos validados”, lembra Felipe, mostrando a foto no celular. Simbólica, a cena sintetiza uma trajetória construída de forma pouco convencional. A grife completará uma década em 2027 e pode ser encontrada em dezenas de lojas pelo mundo, incluindo alguns dos endereços mais respeitados da moda contemporânea como Paris,



O encontro de Felipe com o fã japonês: reconhecido em outro hemisfério

Nova York, Los Angeles e Singapura. Em São Paulo, tem endereço próprio nos Jardins. Com todo esse alcance, surpreende o fato da Pace ter desfilado pela primeira vez somente em junho passado, no Paço das Artes, no Centro de São Paulo. O próximo show está planejado para novembro.

A verdade é que quase nada na história da Pace parece obedecer ao roteiro tradicional de crescimento. Não houve um plano de expansão internacional cuidadosamente desenhado, nem uma estratégia clara para construir uma marca baseada em sua ancestralidade, como é hoje. Tudo isso apareceu depois; ou melhor, foi sendo descoberto ao longo do caminho pelo casal — ele na criação, ela tocando a operação administrativa. A divisão parece bastante clara, mas uma personalidade complementa a outra. Felipe mergulha obsessivamente em pesquisa de materiais, modelagem e desenvolvimento de produto. Juliana manobra a empresa para que essa obstinação criativa possa existir.

Comédia romântica fashion

Os dois se conheceram muito antes de a marca existir, em ritmo de comédia romântica. Felipe viu Juliana pela primeira vez no metrô, acompanhou discretamente a mesma baldeação, descobriu que estudariam na mesma sala do cursinho pré-vestibular e levou seis meses para criar coragem de dizer um “oi”. Juliana brinca que, no dia em que ele finalmente tomou iniciativa, ela já havia decidido que faria o movimento, se ele não aparecesse. Estão juntos desde 2010 e, além da Pace, cuidam de Momo, a filha de 5 anos, que assistiu atentíssima à estreia do casal na passarela, em junho. “Ela e a marca são praticamente dois filhos que cresceram juntos”, brincam, quase em uníssono. Como trabalham juntos todos os dias, passam praticamente 24 horas lado a lado e admitem que aprenderam, com o tempo, a estabelecer pequenas pausas para que a vida não seja inteiramente consumida pelo trabalho. “Juliana sabe separar melhor as coisas, eu não faço essa transição. Sou o mesmo Felipe em casa, no trabalho ou sendo pai. Mas aprendi a não trazer a Pace para o café da manhã, se notar que ela não está a fim de falar sobre isso”, diz ele.



*O desfile no
Paço das Artes:
influência oriental*

Herança têxtil

Se hoje Felipe conversa sobre design de moda com naturalidade, o caminho até ali foi longe de ser linear. Filho de uma modelista e costureira empreendedora, cresceu na confecção montada nos fundos da casa da avó. Via camisetas produzidas para marcas como Forum e Adidas espalhadas pelas máquinas de costura e, desde criança, ajudava a separar etiquetas e aviamentos para as peças. “Meus pais sempre diziam para eu não seguir esse caminho”, conta. Moda, naquele momento, era sinônimo de trabalho pesado e pouco espaço para criatividade.

Foi a música que mudou essa percepção. Na adolescência, ao começar a tocar bateria, descobriu o universo da construção de identidade por meio da roupa. As camisetas cortadas por Travis Barker (baterista da banda Blink-182), o imaginário punk, marcas como American Apparel e a relação entre vestuário, comportamento e cultura fizeram com que enxergasse algo que nunca havia percebido em casa. Aquelas descobertas foram a fagulha que levou Matayoshi a encarar a moda também como linguagem, e não apenas como produção industrial.

“Falamos mais sobre Okinawa do que sobre o próprio Japão, de propósito. São assuntos bem diferentes. Não estamos surfando uma narrativa, é a nossa vivência.”



No Mezanino da loja nos Jardins, o café inspirado na culinária japonesa celebra a criatividade e expressão do estilista

A primeira tentativa de criar uma marca começou com frustração. Após tomar gosto pelo business, vendendo camisetas aos colegas de cursinho, Felipe decidiu desenvolver tênis próprios. Passou meses aprendendo sobre fabricação, desenhou modelos, investiu no projeto e viu tudo ir ao chão quando descobriu que uma das fábricas fornecedoras havia colocado no mercado um par idêntico ao seu antes mesmo de ele lançar a coleção.

Em vez de abandonar a ideia, resolveu aprender tudo o que ainda não sabia. Durante um ano, criou uma pequena operação quase artesanal em São Paulo. Comprava solados, buscava materiais, acompanhava modelagem, levava a fornecedores, embalava pedidos e vendia os produtos pelo Instagram e por e-mail.

Estreia sem narrativa

Hoje, ele olha para aquele período com certo distanciamento e afirma que os produtos ainda estavam longe da qualidade que buscava. Mas foi ali que aprendeu a conversar de igual para igual com fabricantes e entendeu escalas e processos industriais. Quando a Pace nasceu oficialmente, em 2017, Felipe já carregava um repertório técnico que dificilmente teria adquirido de outra maneira.

A própria identidade da marca teve um caminho próprio de desenvolvimento bastante orgânico. Os primeiros conteúdos se concentravam nos materiais, na construção e no desenvolvimento dos calçados. O vestuário entrou no mix poucos



Em sentido horário: a Drummer Tank Shisa; o sapato Bunny Tomo, de couro; e a bolsa Aames

meses depois por uma razão bastante pragmática: os consumidores gostavam dos tênis com estilo próprio, mas não sabiam como incorporá-los ao guarda-roupa. Era preciso mostrar como eles poderiam ser usados.

Foi nesse momento que Felipe percebeu que precisava responder a uma pergunta mais profunda. Além do streetwear, a Pace falava sobre o quê? “A gente não tinha narrativa, focava no produto. Percebi que a resposta sempre esteve dentro de casa”, diz. Descendente de okinawanos que chegaram ao Brasil no final dos anos 1950, ele cresceu entre histórias familiares que, durante muito tempo, passaram despercebidas. Só mais tarde, já adulto, notou que era aquilo que tornava a sua trajetória única.

A moda, então, funcionou como um processo de reconciliação. Com as coleções, passou a recuperar lembranças do avô, da bisavó, da forma como os tios se vestiam aos domingos, da imigração da família e da cultura de Okinawa. Uma herança que, para muitos de fora, pode parecer apenas mais uma expressão da cultura japonesa, mas que carrega uma história própria.

A impressão que fica é que a Pace não corre atrás dos simbolismos, mas espera que eles façam sentido. A relação com Okinawa ganhou dimensão extra quando a marca passou a vender na ilha de onde vieram os antepassados de Felipe. Um fechamento de ciclo, como Juliana e Felipe definem, sorrindo. Recentemente, o casal foi recebido pelo consulado japonês para apresentar o trabalho da empresa.

Talvez seja esse abraço familiar que explique a identificação construída em torno da marca, com posição única no jovem cenário de moda nacional. A Pace cresceu sem atalhos, fórmulas prontas ou a ansiedade de parecer maior do que era. Preferiu deixar que a história aparecesse aos poucos, acompanhando a maturidade do produto, da equipe e dos próprios fundadores. Em dez anos, amejalhou uma comunidade fiel que consome o seu universo e que lotou o primeiro desfile da marca.

Familiar como naquela vez em Teshima. Depois que o fã surgiu no restaurante, a atmosfera mudou. O rapaz explicou à dona da casa quem era aquele casal de brasileiros e ela, que até então mantinha a rabugice reservada a forasteiros, passou a recebê-los como velhos conhecidos. Em menos de uma década, o mundo da moda também os recebeu assim. ▀

*Camisetas
Goya Boys,
com estampas
divertidas*





ARTHUR CASAS

IDENTIDADE

SILENCIOSA

TEXTO LUCAS VASCONCELLOS
FOTOS BRUNO RONDINELLI

À frente do consolidado Studio Arthur Casas, com sedes em São Paulo, Nova York e Lisboa, o arquiteto entende que suas obras precisam conversar com o entorno e trabalha para deixar um legado às futuras gerações da construção civil

O estúdio do arquiteto Arthur Casas, no Pacaembu, é um sobrado com fachada branca. Por dentro, as paredes e o mobiliário de madeira são iluminados pela luz solar que entra pelas grandes janelas. Quando as vidraças estão abertas, os cômodos repletos de plantas se integram. Mas mesmo com tantos estímulos para a visão, o que mais chama a atenção é o silêncio do espaço, ainda que lá trabalhem dezenas de funcionários.

Na sala pessoal de Arthur, onde ele recebeu Velvet para a entrevista, os detalhes dizem muito sobre o profissional que cravou seu nome entre os principais de sua geração. Livros, pequenos objetos garimpados em vários locais do mundo, carrinhos e miniaturas, como a do boneco Brasilino, antigo mascote da tradicional Fábrica de Móveis Brasil, criado em 1967, enfeitam o local.

A história começa em 1961, em São Paulo, cidade onde Arthur nasceu. Foi já na década de 1960 que ele percebeu que sua vocação estava na arquitetura. Aos 8 anos, desenhava fachadas. Aos 12, desenhou uma planta completa. “Sei que isso é um privilégio, muitas pessoas entram na faculdade e não sabem o que vão fazer ainda”, ele diz. Parte desse talento aflorou também nas viagens em família, quando conheceu a então recém-construída Brasília e a região da Pampulha, bairro de Belo Horizonte. Não é coincidência que em ambos os locais estejam algumas das obras mais admiradas de Oscar Niemeyer. A inspiração mais forte de seu trabalho é a do movimento modernista, com plantas livres, integração de espaços e uso de amplas vidraças que mudam a estrutura e transparência dos ambientes, como se nota em seu escritório.

Traços à mão

Apaixonado pelos traços, estudou Arquitetura no Mackenzie e se formou em 1983. A partir de então, sempre quis privilegiar o conforto transportando a natureza para dentro das casas e foi assim que firmou sua marca pautada na sustentabilidade. Um exemplo é o Emiliano Rio, hotel em Copacabana, com painéis modernistas que se movem de acordo com o olhar do hóspede para o oceano e a fachada com elementos vazados, inspirados no desenho do calçadão da orla. Cidade e natureza sempre em diálogo.

O olhar focado no verde é somado ao interesse em usar a tecnologia. O seu apartamento é automatizado e ele é superconectado a gadgets. No escritório, entretanto, nada de softwares na hora de criar. É assim, à mão livre, que desempenha bem a função de arquiteto e de designer de interiores, de objetos de luxo (já desenhou relógios e joias para a H. Stern) e de móveis. “Quando eu comecei a trabalhar, não havia muitas lojas de móveis no Brasil. Então, precisei criar os meus para as obras”, conta ele. Entre canetas e papéis, o ritual criativo de Arthur se completa escutando música de artistas da MPB como Tiganá Santana, Chico Buarque, Gilberto Gil, Maria Bethânia e Gal Costa.

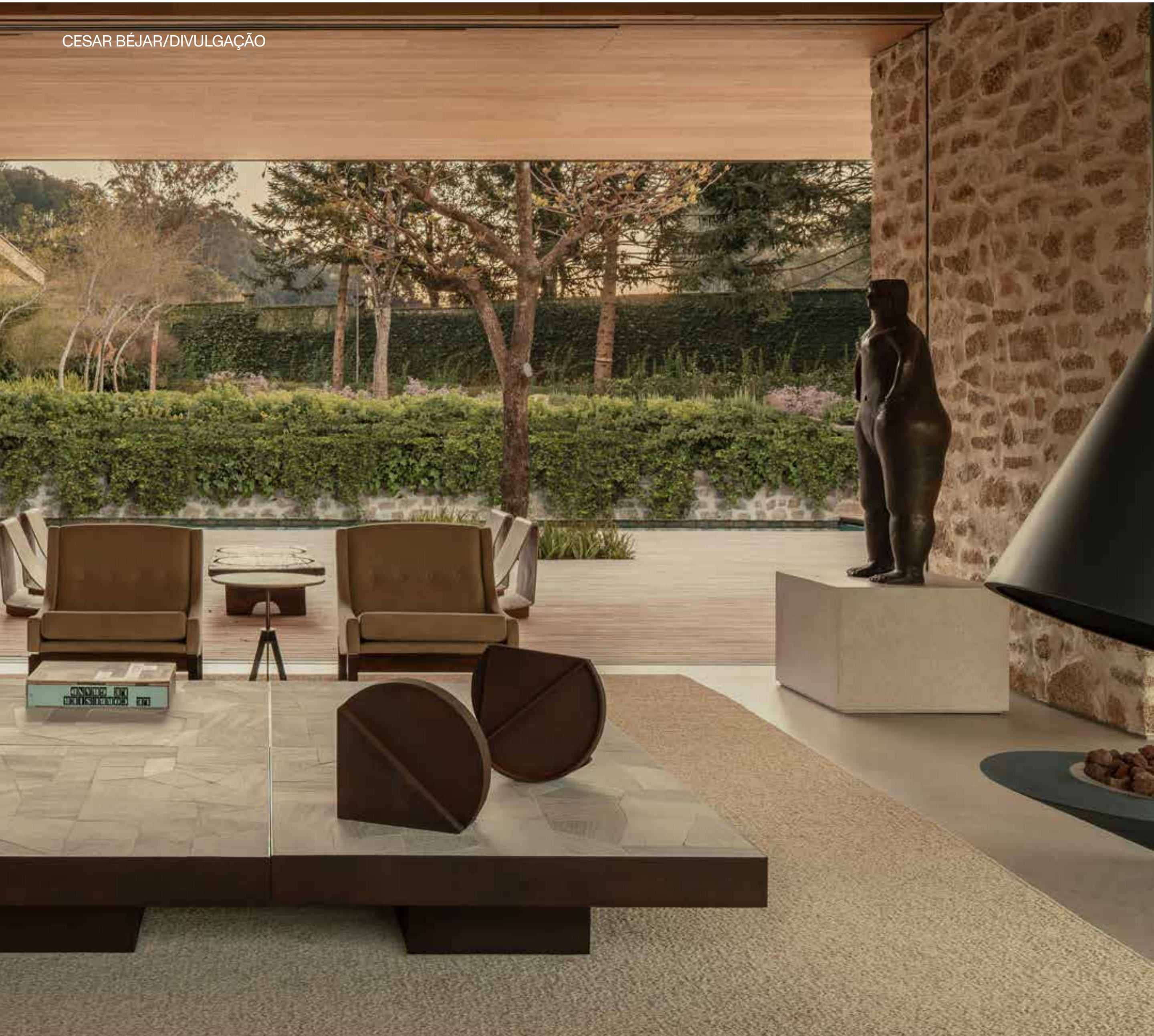
Estima-se que Arthur tenha assinado mais de mil projetos ao longo dos últimos 40 anos. Além de São Paulo, o Studio Arthur Casas tem escritórios também em Nova York e Lisboa, que contam com uma equipe colaborativa encabeçada pelos sócios Gabriel Ranieri, Regiane Khristian, Nara Telles e Raissa Furlan. O grupo ganhou prêmios em grandes metrópoles como Tóquio, Paris, Rio de Janeiro, Nova York, Londres e São Paulo. Seus projetos reúnem características que fizeram de Arthur um nome celebrado, com a compreensão de que cada obra precisa conversar com o ambiente que a cerca. “Quando viajam, as pessoas procuram viver experiências. Então, quando fecho um projeto, eu vou para o lugar onde estamos projetando e tento entender a natureza, a paisagem e a cultura para trazer essa experiência para quem vai ficar lá”, pontua.

“Eu vejo a arquitetura como uma matéria holística. Eu não consigo entender apenas como desenhar casas, edifícios ou praças. Acho que vai desde a escala da cidade à escala do objeto do cotidiano.”

*Dois projetos: a Casa Praia Brava
(Itajaí, em Santa Catarina); e a Casa
Grama (em Itupeva, São Paulo), com
destaque para as paisagens externas*



CESAR BÉJAR/DIVULGAÇÃO



CESAR BÉJAR/DIVULGAÇÃO

Legado

Esse foco em entender as necessidades do entorno de seus projetos se reflete também nas perspectivas mais amplas que Arthur tem sobre os próprios praticantes da arquitetura. Recentemente, ele tem se dedicado a tirar do papel um projeto para ajudar profissionais da área a enfrentarem os desafios atuais do mercado. “Depois de mais de 40 anos projetando, cheguei a uma pergunta que se tornava cada vez mais difícil de ignorar: ‘por que a arquitetura evoluiu tanto e a construção tão pouco?’”, ele diz sobre os métodos utilizados hoje nos canteiros, que ainda se parecem com os de décadas atrás. Na prática, ele afirma, o sistema construtivo é o mesmo desde sempre e se resume a “empilhar tijolos”. O interessante, porém, é compreender o que essas experiências ainda têm a ensinar e de que maneira podem ser adaptadas e reinterpretadas para os desafios de hoje.

Foi dessa inquietação que nasceu o Instituto Arthur Casas de Arquitetura e Inovação (IACAI), em 2026. A organização sem fins lucrativos foi criada como espaço de pesquisa e ação dedicado a repensar o futuro da construção civil no Brasil e conectar arquitetura, design, cultura, tecnologia e sustentabilidade. O objetivo é que funcione como um lugar para conhecer caminhos já testados, compreender por que funcionaram e perceber como podem dialogar com aquilo que se projeta e se constrói no presente. “Decidi colocar minha trajetória a serviço de um futuro diferente para o setor. O Instituto nasce da vontade de devolver à sociedade parte da experiência que acumulei, contribuindo para a formação de novas gerações e para uma construção mais industrializada, sustentável e eficiente”, afirma. O projeto conta com uma equipe multidisciplinar de arquitetura, pesquisa, tecnologia e comunicação. “Em vez de me aposentar, quero deixar um legado, fazer uma contribuição para a profissão que exerço”, ele explica.

“Eu não busco ter uma arquitetura de grandes efeitos. Muitas vezes declinamos projetos que não conversam com o que a gente acredita.”



O Hotel Villa Dubrovnik, na Croácia

FRAN PARENTE/DIVULGAÇÃO



*Pulso Hotel,
em São Paulo*

FRAN PARENTE/DIVULGAÇÃO

*A Casa Baroneza, em Bragança Paulista,
com escada circular emoldurada pelo
revestimento em madeira*



CESAR BÉJAR/DIVULGAÇÃO

A aposentadoria, definitivamente, não está no horizonte. Casado com a professora de yoga Elisa, e pai de Nina, que trabalha com moda, e de João, ele ainda pretende produzir mais. “Eu sonho em fazer obras públicas, como museus, auditórios, locais onde as pessoas têm uma relação menos pessoal com aquela construção. Isso demanda um esforço para criar algo que as faça sentir que são parte daquilo e ter empatia”, afirma. A criação não é sobre quem faz, mas sobre quem vai, de fato, usufruir do espaço. Essa busca, mesmo que silenciosa, como ele define, o mantém entre os principais da área há décadas. ▀

Influências de Casas:

1.



DIVULGAÇÃO

1. Casa Cascata, do americano Frank Lloyd Wright;
2. A Casa Bianchi, em Riva San Vitale, na Suíça, dos primórdios da produção de Mario Botta;
3. A obra de Carlo Scarpa, Loja Olivetti, em Veneza;
4. Casa Gerassi, feita pelo brasileiro Paulo Mendes da Rocha;
5. Maison de Verre, de propriedade de Pierre Chareau, em Paris

2.



DIVULGAÇÃO

3.



DIVULGAÇÃO

4.



DIVULGAÇÃO

5.



DIVULGAÇÃO

ORNARE



40 YEARS Driven by Passion, since 1986

Kitchens
Closets
Wall Systems
Bathrooms
Accessories
Complements

Brazil
Italy
Portugal
United Arab Emirates
United States

@ornare_official
ornare.com



Um novo check-up da mente por **Rodrigo A. Bressan**

ILUSTRAÇÕES ANDRÉ STEFANINI



Durante décadas, o modelo predominante da psiquiatria foi essencialmente reativo. O paciente buscava ajuda após o agravamento dos sintomas. Hoje, com apoio da tecnologia e da fenotipagem digital, o equilíbrio na saúde mental começa antes do surgimento de crises

Nunca monitoramos tanto o nosso corpo. Relógios inteligentes acompanham o sono, a frequência cardíaca, os níveis de estresse e até pequenas oscilações fisiológicas ao longo do dia. Aplicativos calculam passos, produtividade, consumo calórico e desempenho físico em tempo real. A medicina preventiva deixou de ser apenas um conceito clínico e passou a integrar o imaginário contemporâneo. Fazemos exames cardiovasculares antes do infarto, rastreamos tumores antes do câncer se manifestar e monitoramos indicadores metabólicos antes que o organismo entre em colapso.

Mas existe uma área da saúde em que ainda operamos quase exclusivamente em modo de crise: a saúde mental. Na prática, ainda esperamos o sofrimento se tornar grave para agir. A ansiedade já acabou com a qualidade de vida. A depressão já comprometeu relações e incapacitou. O adolescente já se isolou. O sono já desapareceu. O burnout já levou à perda do emprego.

Essa lógica talvez faça cada vez menos sentido em uma sociedade hiperconectada, acelerada e emocionalmente sobrecarregada. Os números ajudam a explicar por quê. Os transtornos mentais afetam cerca de um bilhão de pessoas globalmente e hoje representam uma das principais causas de incapacitação no mundo. No Brasil, os afastamentos do trabalho relacionados à saúde mental cresceram de forma expressiva

“Não se trata de transformar emoções humanas em números ou substituir profissionais de saúde mental por algoritmos. A ambição é outra: usar tecnologia para ampliar a capacidade de observação, facilitar o acesso ao cuidado e tornar a prevenção possível em larga escala.”



nos últimos anos, impondo um impacto humano, social e econômico crescente. Dados recentes do INSS mostram um aumento importante dos afastamentos relacionados a transtornos mentais entre 2022 e 2024, refletindo um fenômeno que deixou de ser periférico para ocupar o centro das discussões sobre saúde pública e produtividade.

O cuidado começa cedo

Entre crianças e adolescentes, os sinais também se intensificam. Levantamentos do Ministério da Saúde apontam um crescimento explosivo dos atendimentos relacionados à ansiedade em jovens ao longo da última década. O que antes parecia um tema restrito a consultórios especializados passou a fazer parte da rotina de famílias, escolas e empresas. A saúde mental entrou definitivamente na pauta da sociedade contemporânea.

E talvez exista um dado ainda mais importante: a maior parte dos transtornos mentais do adulto começa cedo. Estudos epidemiológicos mostram que aproximadamente metade dos transtornos mentais têm início antes dos 15 anos e cerca de três quartos surgem antes dos 21. Ainda assim, milhões de crianças e adolescentes passam anos sem receber qualquer tipo de suporte adequado. Em muitos casos, o sofrimento é interpretado como “fase”, “drama”, “falta de limite” ou simplesmente consequência do uso excessivo de telas.

A medicina moderna evoluiu quando compreendeu que agir cedo reduz sofrimento, custos e impacto social. Foi assim com doenças cardiovasculares, câncer, diabetes e inúmeras outras condições crônicas. Nos últimos 40 anos, a taxa de mortalidade associada a essas doenças diminuiu drasticamente. Em saúde mental, entretanto, os sucessos não são tão expressivos. As taxas de suicídio, que na sua vasta maioria estão associadas a transtornos mentais, não reduziram, e em alguns lugares aumentaram. Ainda estamos aprendendo a construir modelos preventivos realmente eficazes.

Existe um paradoxo desconfortável nisso tudo. Vivemos em uma época obcecada por performance, produtividade e autocuidado. Nunca houve tanta informação sobre bem-estar, alimentação, atividade física e longevidade. Ao mesmo tempo, nunca houve tantos sinais de exaustão emocional, ansiedade crônica e dificuldade de adaptação, especialmente entre os mais jovens.

Os obstáculos de monitoramento da saúde mental

Talvez porque, apesar de todos os avanços tecnológicos, ainda saibamos pouco sobre como identificar estados mentais de risco precocemente. Foi justamente desse incômodo que nasceu o MindCheck (mindcheck.com.br), um projeto brasileiro criado com uma pergunta aparentemente simples: por que a medicina aprendeu a fazer check-ups preventivos para o coração, para o metabolismo e para o câncer, mas ainda não desenvolveu um equivalente consistente para a saúde mental? A pergunta parece óbvia. A resposta, porém, é complexa. A psiquiatria talvez seja uma das áreas mais desafiadoras da medicina justamente porque trabalha em uma fronteira delicada entre cérebro, comportamento, subjetividade, ambiente social e experiências humanas.

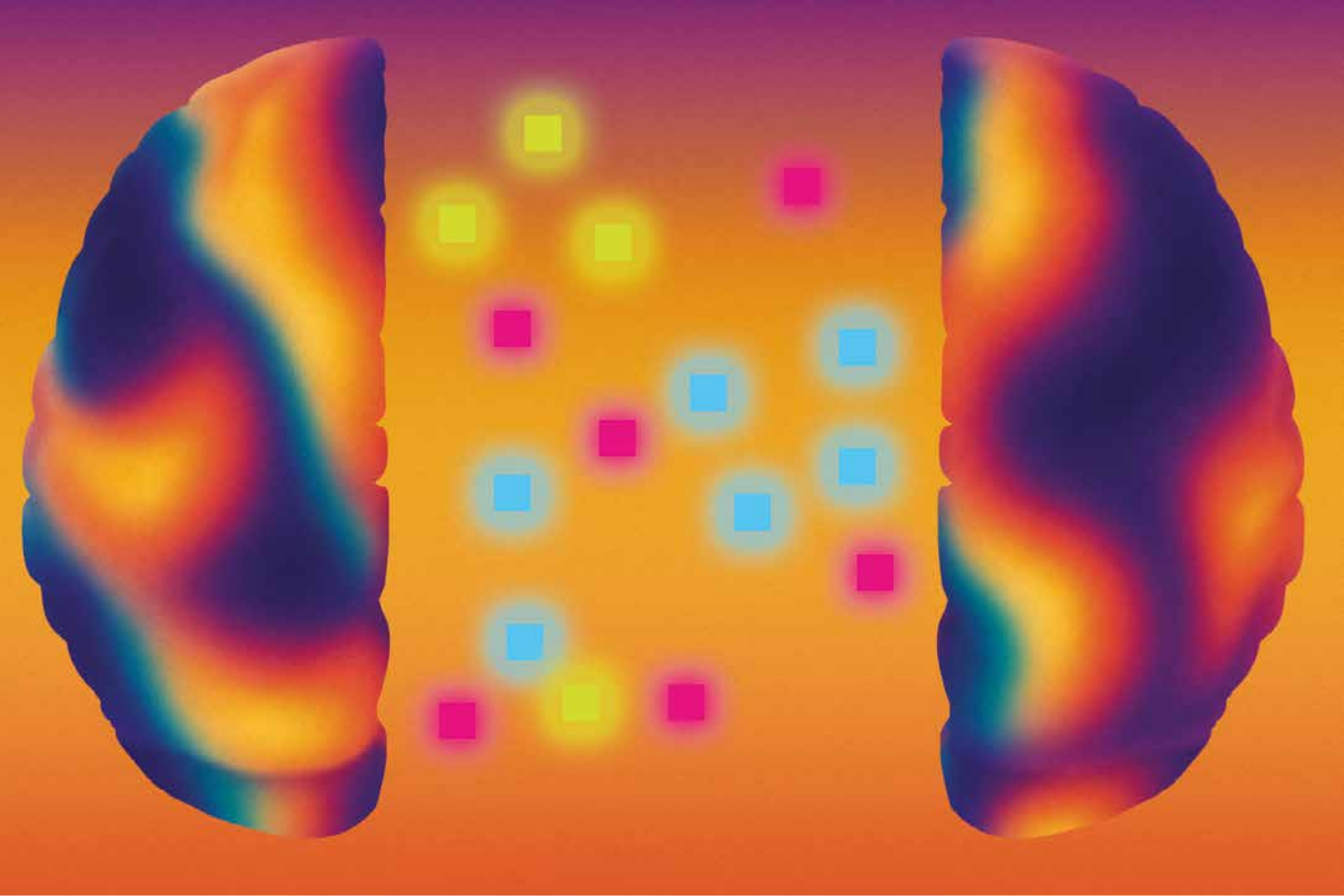
Além disso, a saúde mental enfrenta obstáculos adicionais: estigma, dificuldade de acesso a especialistas, limitações das consultas tradicionais e forte dependência de relatos subjetivos. Em geral, as avaliações acontecem em encontros pontuais, baseados na memória e na capacidade do indivíduo de descrever aquilo que sente, algo especialmente difícil para adolescentes e jovens adultos. Na prática, isso significa que muitas pessoas chegam ao atendimento muito tarde.

Em vez de enxergar saúde mental como um estado binário — saudável ou doente —, a ideia é compreender vulnerabilidades, padrões de comportamento e sinais de risco para transtornos mentais ao longo do tempo. As questões de saúde mental começam muito antes do diagnóstico. Elas aparecem nas pequenas mudanças de comportamento, no isolamento silencioso, na perda gradual de interesse, na alteração persistente do sono, na dificuldade crescente de concentração, na sensação constante de esgotamento que tantas vezes se tornou normalizada na vida contemporânea.

Uma perspectiva é de saúde integral, que combine dados clínicos, hábitos de vida, dados relacionados ao sono, tempo de tela e outros indicadores digitais capazes de ajudar a construir uma visão mais ampla do funcionamento emocional de cada indivíduo. Trata-se de uma nova lógica de integrar informações multidimensionais de alta complexidade para identificar alterações sutis antes que elas se tornem incapacitantes.

Essa mudança de perspectiva talvez represente uma das transformações mais importantes da saúde mental contemporânea. Durante décadas, o modelo predominante da psiquiatria foi essencialmente reativo. O paciente buscava ajuda após o agravamento dos sintomas. A consulta acontecia em momentos específicos, frequentemente separados por semanas ou meses. Entre uma avaliação e outra, grande parte das oscilações emocionais da vida cotidiana simplesmente desaparecia do radar clínico. Mas a vida mental não acontece em intervalos mensais. Ela acontece continuamente: na forma como dormimos, interagimos, nos isolamos, perdemos interesse pelas coisas, mudamos hábitos, alteramos rotinas ou reagimos ao estresse cotidiano.

“Diferentemente de outras especialidades médicas, ainda não existem biomarcadores amplamente estabelecidos para depressão, ansiedade ou burnout comparáveis ao colesterol elevado ou a alterações detectáveis em exames de imagem.”



Aproveitar os wearables

Foi justamente dessa percepção que surgiu uma das áreas mais inovadoras da saúde digital contemporânea: a fenotipagem digital. O conceito parte de uma ideia relativamente simples e ao mesmo tempo revolucionária. Nossas interações cotidianas com dispositivos digitais podem revelar padrões relevantes sobre comportamento, cognição e funcionamento emocional. Alterações no sono, mudanças bruscas de rotina, retraimento social, oscilações de atividade ou padrões persistentes de exaustão podem funcionar como sinais indiretos de sofrimento psíquico. Em outras palavras, os dispositivos que hoje ocupam praticamente todos os espaços da vida contemporânea podem também ajudar a compreender aspectos invisíveis da saúde mental. Isso ajuda a explicar por que wearables (relógios, pulseiras, anéis de uso diário), inteligência artificial e monitoramento contínuo passaram a despertar tanto interesse entre pesquisadores e empresas de saúde ao redor do mundo.

O desafio, naturalmente, é enorme. Dados emocionais talvez estejam entre os mais sensíveis produzidos por seres humanos. Diferentemente de informações bancárias ou histórico de consumo, eles revelam aspectos íntimos da subjetividade, do comportamento e da vulnerabilidade humana. Por isso, qualquer avanço tecnológico nessa área

exige cautela, rigor científico, supervisão clínica permanente e ética. A inteligência artificial possui enorme potencial para ampliar a capacidade de análise de padrões complexos e personalizar recomendações. Mas ela também traz riscos importantes relacionados a alucinações, vieses algorítmicos, privacidade e excesso de automatização.

O MindCheck foi concebido justamente para que a tecnologia funcione como ampliação — e não substituição — do olhar clínico humano. A plataforma combina inteligência artificial com supervisão permanente de especialistas em saúde mental e utiliza modelos desenvolvidos a partir de décadas de pesquisa longitudinal com jovens brasileiros, além de bases internacionais de alta relevância científica. Com isso, é possível reduzir vieses e aumentar a confiabilidade das análises. Em vez de automatizar diagnósticos ou produzir respostas padronizadas, a combinação entre IA e avaliação clínica com profissional especialista permite identificar padrões complexos e personalizar recomendações.

A própria sociedade começa a sinalizar essa mudança de percepção. Uma pesquisa recente da Ipsos mostrou que mais da metade dos brasileiros já considera a saúde mental o principal problema de saúde e bem-estar do país — um salto impressionante em relação a poucos anos atrás. O tema deixou de ocupar apenas consultórios especializados e passou a influenciar discussões sobre educação, trabalho, produtividade e cultura organizacional.

Avaliação clínica e dados juntos

Esse movimento já começa a produzir efeitos concretos. Nas escolas, cresce a percepção de que aprendizagem e saúde emocional são inseparáveis, com compromissos estabelecidos a partir de 2024 com a lei que instituiu a Política Nacional de Atenção Psicossocial nas Comunidades Escolares.

Nas empresas, novas regulamentações passaram a exigir atenção mais estruturada aos fatores psicossociais relacionados ao trabalho. A atualização da Norma Regulamentadora nº 1 (NR-1), estabelecida pelo Ministério do Trabalho e Emprego, amplia a responsabilidade das organizações sobre riscos ligados à saúde mental,



reconhecendo oficialmente que bem-estar psicológico também faz parte da segurança ocupacional. Em outras palavras, saúde mental começa a ganhar um status semelhante ao de outros fatores clássicos de proteção no ambiente de trabalho. O cuidado com a saúde mental nas empresas deixou de ser um “benefício” e passou a ser uma “obrigação”.

O avanço dos laudos médicos nas escolas e nas empresas talvez seja um dos sinais mais visíveis dessa transformação cultural. Nas escolas, diagnósticos frequentemente surgem para explicar dificuldades de comportamento, aprendizagem ou sofrimento emocional em jovens submetidos a níveis crescentes de pressão e hiperestimulação. Nas empresas, o fenômeno aparece no aumento expressivo dos afastamentos relacionados à ansiedade, burnout e esgotamento crônico. Em ambos os contextos, os laudos podem ser fundamentais para garantir acolhimento e acesso ao cuidado. Mas também existe o risco de que passem a funcionar como atalhos simplificadores para problemas muito mais complexos, deslocando discussões sobre relações humanas, cultura institucional, pertencimento e qualidade de vida para uma lógica excessivamente medicalizada. Nesse cenário, o MindCheck busca trazer para o debate conhecimento médico-

científico qualificado. Ao integrar avaliação clínica, acompanhamento contínuo, dados comportamentais e décadas de pesquisa em saúde mental, o check-up procura oferecer uma avaliação de risco contextualizada. A proposta não é substituir diagnósticos ou transformar emoções em algoritmos, mas ajudar famílias, escolas, empresas e profissionais a tomar decisões mais humanas, preventivas e baseadas em evidências científicas. Isso talvez seja um dos sinais mais claros de uma transformação cultural em curso.

Por muito tempo, o sofrimento emocional foi tratado como fragilidade individual. Hoje, torna-se cada vez mais evidente que saúde mental possui impacto coletivo, econômico e social profundo, afeta desempenho escolar, produtividade, vínculos sociais, criatividade, inovação e qualidade de vida. E talvez seja justamente aí que iniciativas de check-up em saúde mental encontrem relevância. Pois mudam a lógica com que a sociedade enxerga a saúde mental e tangibilizam o acompanhamento preventivo com foco na singularidade de cada indivíduo.

O futuro da psiquiatria não está apenas em tratar transtornos mentais já estabelecidos, mas em desenvolver ferramentas capazes de identificar vulnerabilidades precocemente, ampliar repertório emocional e permitir intervenções antes do colapso. Se o século 20 transformou a medicina ao consolidar a prevenção física, talvez uma das grandes revoluções silenciosas do século 21 seja aprender a fazer o mesmo com a mente humana. ▣

“Na maior parte dos casos, o pedido de ajuda só chega tarde, quando o sofrimento emocional deixa de ser silencioso e passa a interferir de maneira impactante na vida pessoal, acadêmica ou profissional.”



O instinto musical de Zé Maurício Machline

TEXTO ALEXANDRE PETILLO

FOTOS VANS BUMBEERS

Criador do Prêmio da Música Brasileira, produtor de discos e apresentador de TV, ele atravessa há mais de 40 anos universos que ninguém imaginava ver no mesmo lugar

A excentricidade de Zé Maurício Machline já virou paisagem nos Jardins. O empresário costuma passear pelo bairro numa bicicleta elétrica com uma caixa de som acoplada, e vai propagando Zélia Duncan, Maria Bethânia e João Bosco por cima dos motores dos carros e das buzinas. O hábito lhe rendeu, entre os comerciantes da região, o apelido de “Zé da Música”. “Sou uma pessoa adicta à música. Acordo e vou dormir escutando algo. É a minha companhia”, ele diz, antes de fazer uma pausa e completar: “Por exemplo, agora eu já estou meio nervoso, meio arrepiado, porque estou conversando com você sem ouvir música”, brinca.

A biografia de Zé Maurício é, segundo a metáfora clínica sugerida por ele, um prontuário. “Fui contaminado pelo vírus da música e com ele estou até hoje. Eu agradeço aos deuses por ter sido contagiado”, exagera. A contaminação tem data, lugar e culpada. Voltando de uma visita aos parentes em Porto Alegre, na década de 1970, ele se viu sentado no avião ao lado de Elis Regina. Não a conhecia pessoalmente, mas puxou conversa e desembarcou com o telefone da cantora no bolso.

Aquele contato só virou história por causa dos cães, a paixão que veio antes de todas. A criação doméstica se transformou em profissão, e ainda adolescente ele passou a julgar exposições caninas. “Como era muito jovem, e devia ser competente naquela ação, eu comecei a ser convidado para julgar fora do Brasil e tive a oportunidade de conhecer o mundo inteiro”, diz. Daí a presidir o Kennel Club paulista, entidade dedicada à preservação de raças caninas, foi um pulo. Ali, às vésperas de um jantar comemorativo, ele enfim teve motivo para discar o número que guardava desde o voo. Convidou Elis, a Pimentinha, para cantar na festa e, contrariando suas expectativas, ela topou. Um problema de agenda, porém, a obrigou a indicar uma substituta. Foi assim que Rosa Marya Colin, que nem disco gravado tinha, entrou na história. Ele adorou a apresentação e, mesmo sem a menor intimidade com a indústria fonográfica, prometeu ajudá-la a se profissionalizar.

“Pensar e desenhar a noite do Prêmio da Música Brasileira é o maior prazer de todos.”

O QUE ZÉ MAURÍCIO ANDA OUVINDO



DIVULGAÇÃO

Bia Ferreira

“A menina do reggae por quem estou apaixonado. O disco dela é uma das melhores coisas que eu ouvi este ano.”



DIVULGAÇÃO

Melly

“Uma cantora pop baiana que eu acho estupenda, e que lançou um disco da mais alta competência.”



DIVULGAÇÃO

Marina Sena

“Uma predestinada ao sucesso, porque ela pensa a música de uma forma incomum.”



DIVULGAÇÃO

Martins

“Esse menino de Pernambuco. Um compositor e um intérprete brilhante.”

“A gente conseguiu uma relação de confiança e um carinho dos artistas nesses anos todos. Virou um ponto de encontro que todo mundo quer fazer.”

Zé Maurício parecia ter faro para o acaso. Colocou a fita de Rosa Marya debaixo do braço e bateu na porta de André Midani, o executivo que praticamente desenhou o mapa da música brasileira no fim do século 20, com a ilusão de que entregaria o material e sairia daquele universo. Midani gostou e ofereceu um selo com distribuição pela Warner. A partir de 1982, a Pointer (não por acaso, o nome é o de uma raça de cães de caça) lançou Leny Andrade, Jane Duboc e César Camargo Mariano. Hoje é um selo cult, com discos vendidos a preços altos em sebos. Dali em diante, os mundos dos canis e dos cantores não se separaram mais.

Nada é “Por Acaso”

Anos depois, já com a gravadora e uma série de shows dirigidos nas costas, Zé Maurício acumulava a função de gerente de comunicação da Sharp do Brasil, a fabricante de eletroeletrônicos que seu pai, Matias Machline, montou no país. Numa viagem de trabalho aos Estados Unidos, acabou acompanhando o ex-ministro da Fazenda Mário Henrique Simonsen à noite do Grammy. Os dois voltaram decididos a fazer algo semelhante aqui.

Nascia ali o Prêmio Sharp, em 1987, com o apoio de nomes como o maestro Júlio Medaglia e os cantores Dorival Caymmi, Rita Lee e Luiz Gonzaga. O prêmio é realizado no Theatro Municipal do Rio desde 1993 e já trocou de nome e de patrocinador algumas vezes. Em 2027, o homenageado será Martinho da Vila.

Na TV Manchete dos anos 1990, Zé Maurício criou o programa “Por Acaso”, cujo título descreve o método que usou a vida inteira. Uma vez, propôs à cantora Wanderléa um dueto com Alceu Valença. Ela reagiu dizendo adorar Alceu, mas confessou que não via nada de convergente entre a música dela e a dele. “Eu falei: ‘é por isso que eu acho bom’”, conta. O programa reúne uma coleção de encontros improváveis da música brasileira há mais de 30 anos. Passou pelo canal a cabo Arte1 e hoje é exibido no YouTube.

O episódio que mais o comove envolve Gal Costa e Alice Caymmi, neta do Dorival, que apadrinhou o Prêmio Sharp. As duas ainda não se conheciam. Gal chegou preparada para cantar seis músicas. Cantou 28. “A emoção transmitida naquele programa é um negócio fora do comum. Eu me sinto



*Em barro,
o troféu
do Prêmio
da Música
Brasileira,
premiação que
ele desenha
desde 1987.
Acima, a caixa
de som da
bicicleta, trilha
que o bairro
inteiro escuta*

ali um privilegiado de ter a oportunidade de estar sentado, assistindo ao que eu assisti”, diz. O que sustenta esse clima não é cachê nem audiência. “A gente conseguiu uma relação de confiança e um carinho dos artistas nesses anos todos. Virou um ponto de encontro que todo mundo quer fazer”, completa. Em agosto de 2026, gravou outros seis episódios, agora contando causos da própria vida.

O que ele passa adiante

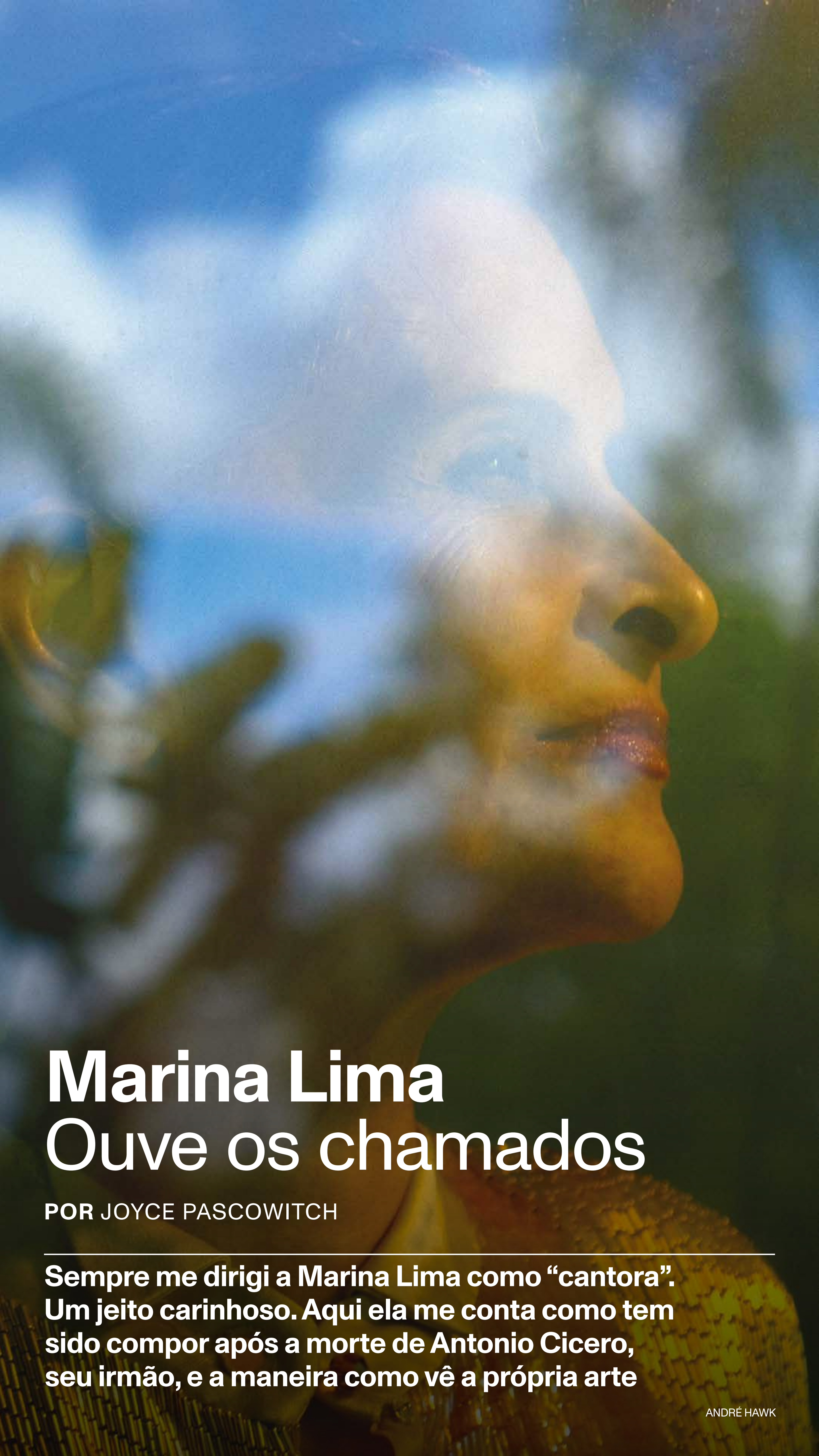
Sua travessia é entre divindades da música brasileira, mas Zé Maurício também se aproxima de outro sagrado e tem relação próxima com o Centro Espírita do Zé do Bem, terreiro de umbanda dedicado ao tratamento de doentes e dependentes químicos. Essa proximidade o levou ao outro lado do microfone. Como cantor, gravou “Toques de Umbanda”, em 1999, e “Mania de Vocês”, em 2002, este com participações de Ivete Sangalo e Camila Pitanga. Não fez carreira, nem pretendia. “As pessoas podem fazer e dizer tudo que tiverem vontade, desde que não exista prejuízo ao próximo. Eu não prejudiquei ninguém, cantei, me diverti”, resume.

Nada disso o afastou dos negócios. Ele acaba de abrir uma produtora que trabalha para marcas interessadas em se aproximar da música, e quem comanda a casa nova é a filha, Giovanna Machline, que veio da teledramaturgia da Globo. Zé Maurício a chama de “a presidente”.

Há anos longe da presidência do Kennel, a música é o ponto de convergência em tudo que faz. Mas os destinos cruzados lá atrás se misturam no nome de algumas de suas cachorras: a chihuahua de pelo longo Dolores, homenagem a Dolores Duran, e Marrom, uma rhodesian ridgeback batizada em homenagem a Alcione. Completam a matilha a chihuahua Severina e a biewer terrier Teresinha.

É por ter essa personalidade tão cheia de nuances que, quando pega sua bicicleta elétrica, compartilha os sons que o movem. Por onde Zé passa, ele espalha a melodia. ▀

“O universo da fé é muito importante no Brasil. Da fé como instituição e da fé como musicalidade. A música te leva para caminhos que só a alma compreende.”



Marina Lima Ouve os chamados

POR JOYCE PASCOWITCH

Sempre me dirigi a Marina Lima como “cantora”. Um jeito carinhoso. Aqui ela me conta como tem sido compor após a morte de Antonio Cicero, seu irmão, e a maneira como vê a própria arte

“**E**u compreendi você, vou te amar eternamente”, diz a letra de “Meu Poeta”, escrita por Marina Lima. Essa é uma das canções de “Ópera Grunkie”, seu primeiro disco feito após a morte do irmão. Sem ele, seu parceiro da vida toda, as composições ficaram a cargo dela mesma, que olha o luto recente de uma forma serena. “Perdi minha família. Dois irmãos que se foram. Se eu me sinto só? Eu me sinto grata. Todo mundo era tão generoso comigo...”, ela diz. Estamos na minha casa conversando. Ela se senta no sofá, toda vestida de branco, com um boné onde se lê “Yoko Ono”. Disse que veio disfarçada de Yoko para não ser reconhecida. Seu objetivo é se divertir, coisa que fazemos juntas desde que nos tornamos amigas, há 30 anos. Quando começamos a nos falar, tínhamos em comum o mesmo cabeleireiro, Mauro Freire, o respeito por Mãe Cleusa e o interesse pelo estudo da Cabala.

Aos 5 anos de idade, Marina mudou-se para Washington, nos Estados Unidos, com a família. O pai, Ewaldo, nascido no Piauí, foi transferido para lá para ser gerente de operações do Banco Interamericano de Desenvolvimento. Foram com a mãe, Amélia, e os dois irmãos, Roberto e Cicero. O universo musical a fisgou desde então. Lá, ouvia música americana negra e Beatles, mas também Tom Jobim e a Tropicália. Ela afirma que a pedra fundamental foi Stevie Wonder e outras influências de peso que estão dentro dela. “Quando componho sou eu, mas fui habitada por esses talentos antes”, diz.

Os Lima moraram no hemisfério norte por sete anos. Na volta, Roberto, o irmão do meio, foi fazer Economia, como o pai. Cicero escolheu Filosofia. E Marina continuou cursando o colégio regular, mas já totalmente voltada para o mundo da música. “A nossa sorte é que desde cedo pudemos exercitar nossos talentos”, ela conta. Aos 22 anos, Gal Costa gravou uma composição sua, “Meu Doce Amor”, que já denota uma segurança enorme para a idade: “Eu sempre sei por onde vou

“A minha passagem aqui pela Terra tem a ver com mudar as coisas para melhor. Eu aplico isso na minha música e tem dado certo.”



e sempre quis tudo que fiz”, diz a letra. Decidiu então passar para o lado do microfone e sua primeira gravação de sucesso é uma das músicas que mais gosto dela, “Charme do Mundo”, de 1980 (“Do mar ou de amar, não sei, mas deve ser da idade”). Logo depois, em 1984, lançou o disco que dispensa apresentações, “Fullgás”. Esse álbum, nunca esqueço, eu ganhei de aniversário quando fiz 30 anos, aliás. Compor, ela diz, é seu grande talento. “Dos meus 23 discos da carreira, 19 foram feitos junto com meu irmão”, conta.

Onde é que vai dar? Não sei

Foi da fonte de ídolos como Maria Bethânia e Gal que Marina entendeu a liberdade de viver sua bissexualidade. A música, ela garante, também ensinou sobre desejo, perda e sobre ser livre para assumir o que sente. Não tem vontade, por exemplo, de criar raízes e comprar uma casa. Prefere viver em lugares alugados que não a prendam em um mesmo local. “Eu gosto da experiência. Daqui a pouco já quero mudar”. Também mora em casas separadas de sua mulher. Marina é discreta nesse assunto. “Podendo não morar junto, eu acho melhor. Você pode marcar um date, uma coisa romântica que só se cultiva em casas separadas”, afirma.

Se “Fullgás” foi o estouro que foi no começo dos anos 1980, “Virgem”, de 1987, colocou Marina no topo. Mas ela diz que não segurou a onda de tantos convites para TV e shows e isso gerou uma das situações mais complexas de sua carreira. Marina perdeu a voz. “Hoje eu sei que foi uma questão psicológica que gerou o problema e isso virou físico, porque sou cantora. Quando entendi esse processo emocional, minha voz estava guardada, intacta”, ela conta. Hoje, cria o mínimo de segurança para poder se atirar em novas empreitadas “ou fica muito arriscado.” Nesse mínimo, está não se obrigar a fazer o que considera desnecessário. Gata escaldada.

“O Chamado”, de 1991, traduz um pouco esse espírito de dar sequência ao trabalho. “Onde é que vai dar? Acho que vou desistir”, “Céu abriga o recado que é pra eu me guardar, mudanças estão por vir”, “Acho que vou resistir” são alguns dos versos que passam uma ideia de positividade apesar das dificuldades. O sentimento se parece com o atual, que a leva a compor após o luto. “Cicero segue perto, sempre. Quando alguém vem ao meu lado, peço para se afastar, porque está oprimindo o Cicero e a mim também”, conta, sobre a onipresença do irmão.

Compor as músicas desse álbum, garante, foi outro chamado, pautado em algo que ela sempre quis fazer: mudar o mundo para melhor. A vontade tem a ver com a Cabala, escola de pensamento esotérica e tradição mística central dentro do judaísmo, que ela descobriu já adulta. O jogo da vida mencionado na filosofia, por exemplo, se refere a entender as regras espirituais do universo para viver com mais paz, propósito e receber a luz. Nesse sentido, Marina brilha. “No estúdio, não sinto frio na barriga. Eu me sinto bem. O palco era uma luta, eu era muito tímida e entrava em pânico achando que não daria certo. Mas o estúdio sempre foi a parte que mais gostei”, diz.

“Através da música, eu me abri para outras possibilidades de sexualidade, porque via que as mulheres que eu admirava podiam ser bissexuais. A música avisa que é possível fazer o que quiser e, assim, abre a cabeça das pessoas.”



Marina na sala de minha casa, em São Paulo: amizade de longa data

Na maturidade, afirma que administra o tesão na vida da maneira que sempre fez. Sem hipocrisia, diz que as coisas mudaram dos 55 para os 70 anos, que completou em 2025. “Minha mãe jogou uma praga dizendo a vida toda que eu ia ver como seria quando envelhecesse”, ela diz, rindo. A maturidade tem sido menos complicada do que a mãe previu, graças a certas escolhas: Marina nunca gostou de álcool, mas amava malhar e cuidar da saúde. “Aos 70, se eu tiver mais 30 anos, estou no lucro. Sempre valorizei o corpo não só por vaidade, mas por instinto, para poder durar”, diz. Seu tempo é dividido entre os amigos, que fazem parte de sua sanidade. Não teve irmãs de sangue, mas valoriza amizades femininas. “Quando encontro uma mulher bacana, eu quero ficar perto. São essas coisas que eu priorizo. Eu valorizo muito a lealdade e a confiança entre meus amigos”, confessa. Eu sorrio, porque ela está falando de mim também.

O imponderável

Marina não era espiritualizada até conhecer a Cabala.

“Minha mãe ficou muito católica no fim da vida, e eu dizia ‘mãe, para com isso’”, conta, entre risos. Seu pai era ateu.

Mas ela intuiu que ia gostar da Cabala, que chama de ciência, na qual fica claro o que você dá e o que ganha.

“Mudou minha vida, fiquei anos sem fazer análise. Voltei porque me separei, depois de nove anos casada, e fiquei sem chão. Estava emocionalmente muito triste”. Mas garante que não vai ter outra depressão, como aconteceu nos anos 1980. “Do buraco da doença é difícil sair, mas, quando se sai dele, você aprende e não cai mais. Voltei pra minha carreira. Amo fazer disco. Cicero ia ficar orgulhosíssimo de mim”, conta com ar sapeca de irmã mais nova.

Marina sabe que não tem tempo a perder e não tem pudor em negar coisas, dizer que não quer fazer algo ali ou aqui. Sabe que precisa se proteger para poder gostar da vida. Quando perguntam dos planos aos 70 anos, ela afirma que vai fazer o que sempre faz. Só que com mais sabedoria. “Eu gosto da vida, não vou ficar lamentando. Não gosto de perder meu tempo”, ela diz. O conselho ela recebeu de Fernanda Montenegro: “Não se queixe, a vida tem tanta coisa boa. Não se queixe”. Quem ousaria desobedecer? **■**

“Não vou a festas, bailes... As pessoas devem me odiar (risos). Eu tenho que cuidar do que estou propondo mostrar. Depois do show eu vou para casa e preservo minha saúde.”

LA MER GIVES SKIN LIFE

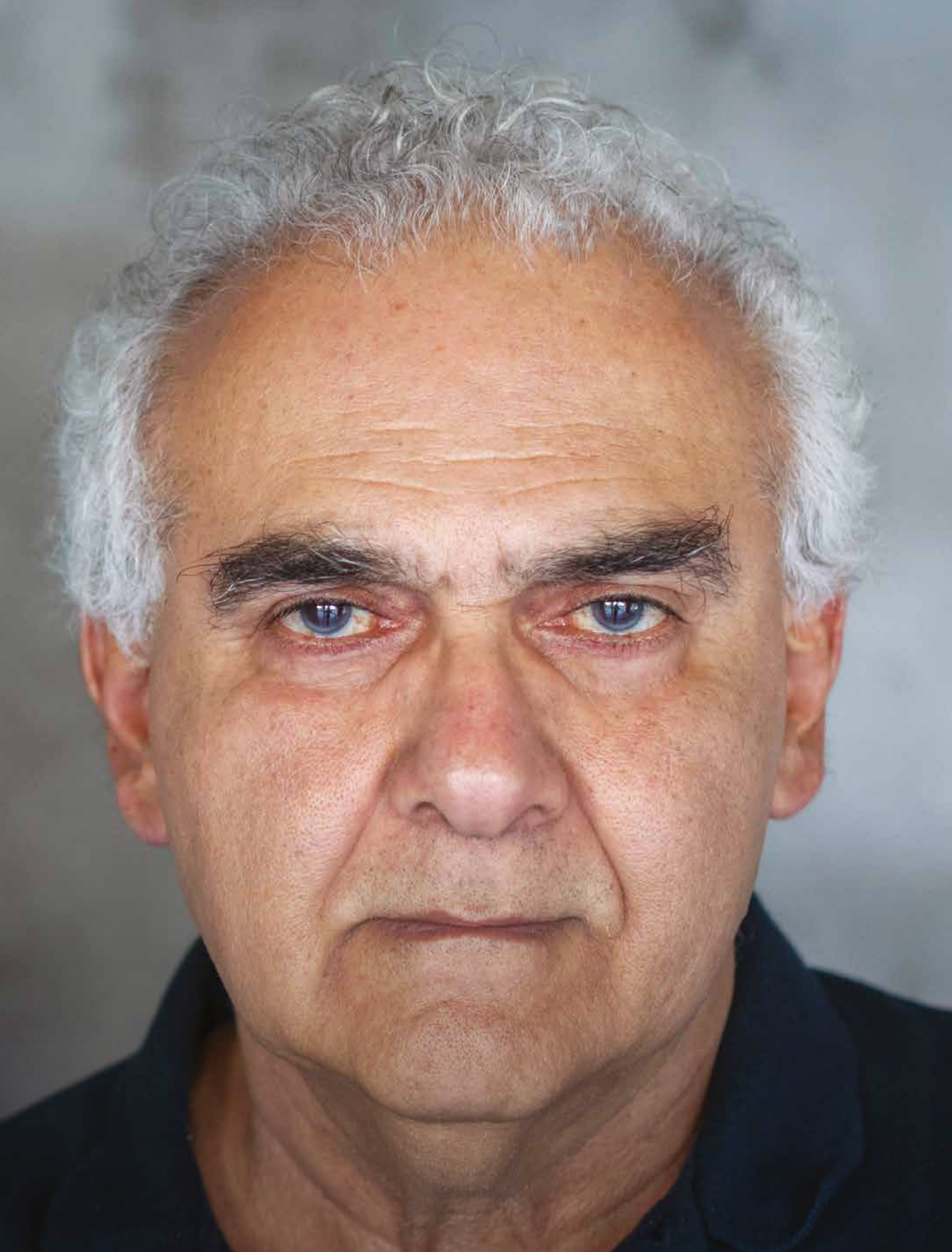
NASCIDA DO MAR E
APERFEIÇOADA PELA CIÊNCIA,

La Mer transforma cada ritual de cuidado em uma
experiência de renovação, luxo e bem-estar.



Encontre os produtos La Mer na nossa boutique
e agende seu horário no Spa de La Mer.

DESCUBRA



Milton Hatoum em busca da sutileza

TEXTO RODRIGO CASARIN

O escritor celebra 40 anos de carreira, vê seus livros atravessarem fronteiras e gerações e mostra como o distanciamento do tempo enriquece a própria obra

RENATO PARADA/DIVULGAÇÃO

Milton Hatoum entra em uma doceria de Pinheiros cumprimentando os funcionários, que o conhecem pelo nome. Foi o imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL) que escolheu o lugar para conceder a entrevista à Velvet. Antes da conversa em si, sugere que eu prove o mil-folhas: “é excelente”, diz. Ele, no entanto, está evitando doces e fica só no café com um pouco de leite.

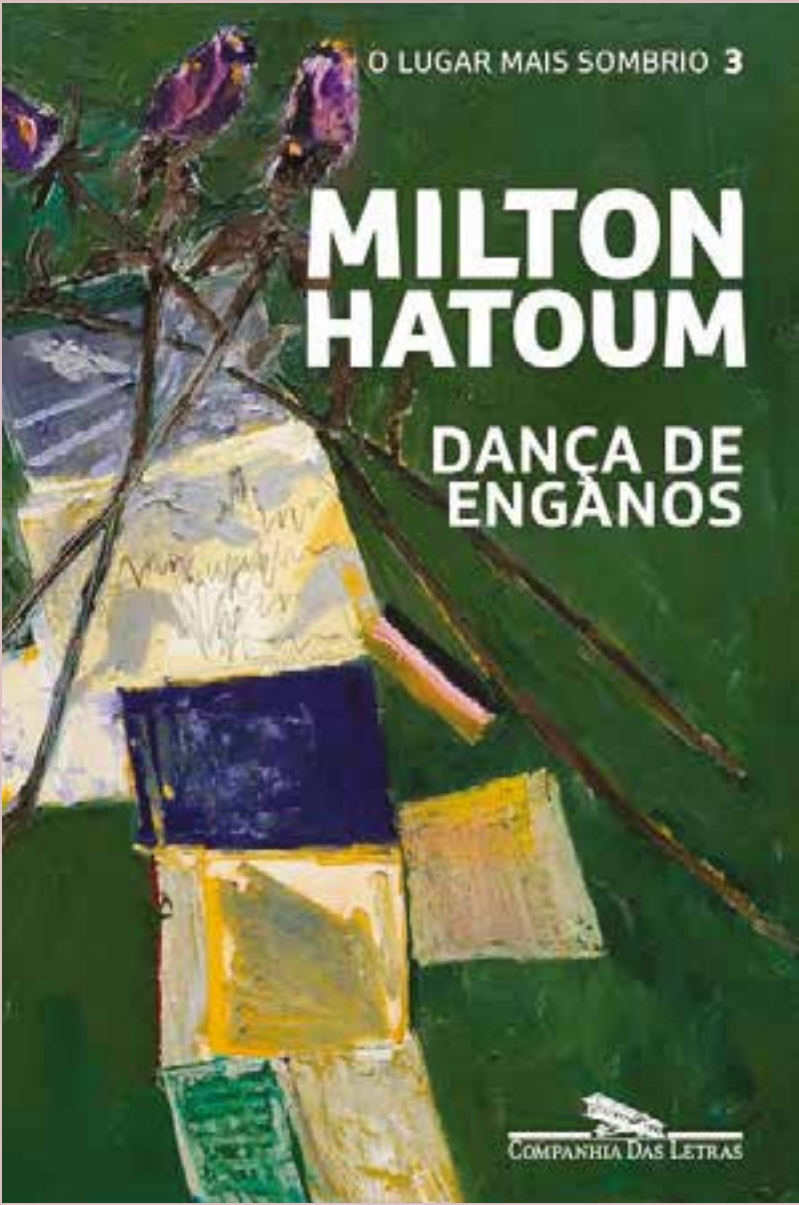
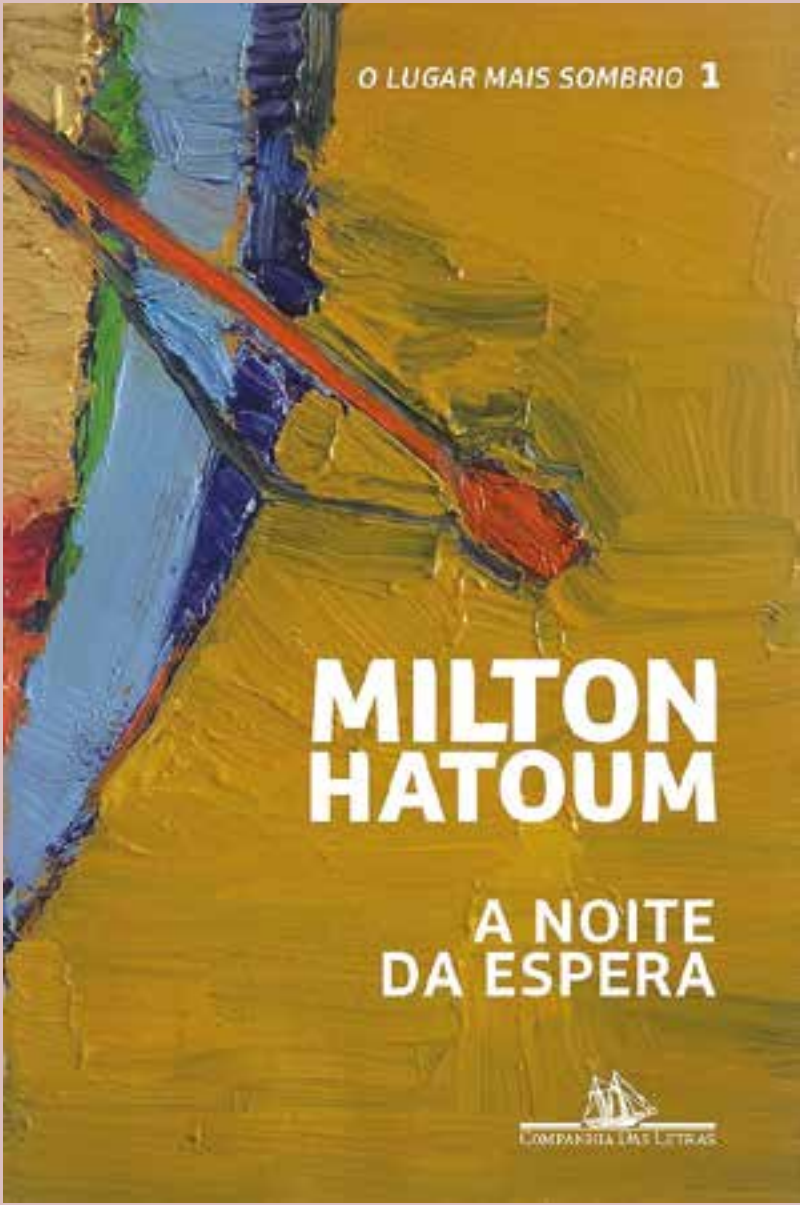
Esse é o segundo de três encontros que tivemos em poucos meses. O primeiro foi no fim de abril, na posse na ABL, e mal deu para conversar. A instituição estava abarrotada de gente que queria aplaudi-lo, o salão principal não comportou tantos admiradores e muitos acompanharam o discurso por TVs instaladas em outras salas. O terceiro veio em agosto, na Flipelô, em Salvador, num painel para um público atento às respostas afiadas do escritor.

A multidão virou uma constante e diz muito sobre a popularidade de sua literatura. Diante dela, no entanto, Hatoum não faz discurso de palanque. Na ABL, exaltou a complexidade e a dimensão simbólica do texto literário, lembrou que a leitura “não deve ser passiva nem conformista” e dialogou com Graciliano Ramos, já que “Vidas Secas” foi um dos pilares de sua fala, ao lado de nomes tão distintos quanto Davi Kopenawa, Racionais MC’s, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Clarice Lispector, Octavio Paz, Virginia Woolf e Machado de Assis. Defendeu ali as entrelinhas e o subtexto, tão bem-vindos na literatura, mas na hora de tocar em feridas abre mão deles. Voltar a Euclides da Cunha e a Joseph Conrad, contou, foi fundamental para perceber como era enganosa certa oposição entre civilização e barbárie. “O mundo todo vê, com mais consciência e conhecimento, que os ditos civilizados de um certo Ocidente são os verdadeiros exterminadores”, cravou.

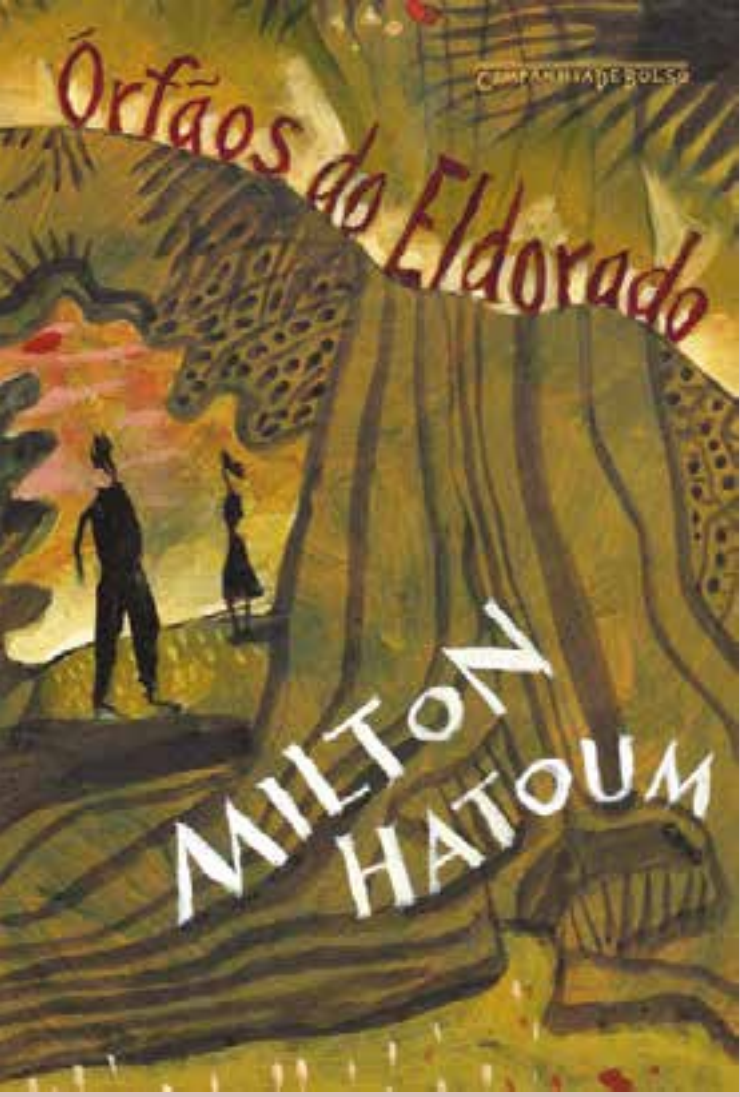
Nessa frase cabem incontáveis episódios em que os autointitulados civilizados se portaram como bárbaros. Quando nos encontramos meses depois, no café, quis saber dele como se pode ser tão frontal sem aderir aos berros e escrachos da época. “Sempre fui contra o grito, o slogan e a palavra de ordem. Nunca entrei num partido, nunca fui militante de células ou organizações clandestinas, até para manter minha liberdade de crítica e de autocrítica. Você não convence ninguém gritando ou agredindo”, argumentou.

POR ONDE COMEÇAR A LER HATOUM

DICAS DE RODRIGO CASARIN



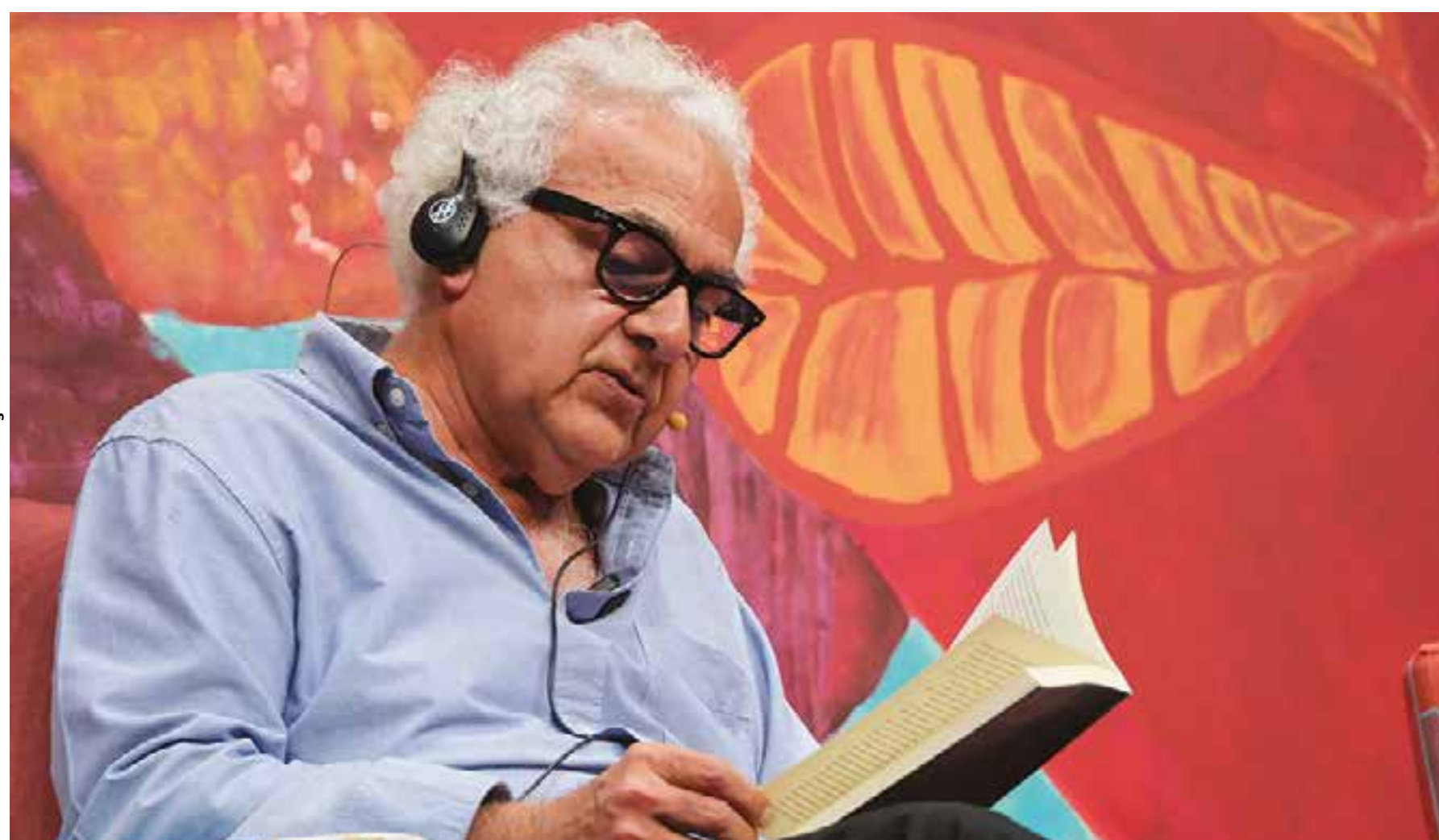
A trilogia “**O Lugar Mais Sombrio**” é uma boa porta de entrada para a obra de Hatoum, por ser a série mais recente e ter linguagem bastante acessível. O leitor entra e circula pelas camadas da história sem esforço, apesar do leve ruído que a mudança de narrador no terceiro volume pode causar.



Recomendo também “**Órfãos do Eldorado**”: não é uma narrativa simples, mas é breve, e descreve bem as utopias amazônicas — conquistas em lugares inóspitos que costumam terminar em grandes derrocadas.



E cedo ou tarde, “**Dois Irmãos**”, que ecoa a narrativa mítica dos irmãos rivais nos conflitos familiares. É comum ver leitores que se apaixonaram por Hatoum graças a esse livro, o mais consagrado de sua produção.



Na Flip de 2026, com o escritor Hisham Matar, em bate-papo mediado por Paulo Roberto Pires: alternância entre medo e coragem

Soberania dos leitores

A entrevista aconteceu pouco depois de a seleção brasileira cair na Copa do Mundo diante da Noruega. O escritor não acompanhou a derrota porque voltava de Portugal, onde dividiu o palco, no evento literário Babel, com autores como o britânico Salman Rushdie, a canadense Margaret Atwood, a polonesa Olga Tokarczuk e o húngaro László Krasznahorkai, os dois últimos, laureados com o Nobel de Literatura. Nos últimos anos o nome de Hatoum passou a circular como o de alguém de fora do Norte Global que poderia ser agraciado pela Academia Sueca. “Cinzas do Norte”, um de seus romances mais elogiados, está sendo adaptado para o cinema por Sérgio Machado. Motivos não faltam para constatar que o momento é dos melhores. Mas ele olha para tudo isso com a serenidade que lhe é tão cara. Enfatiza que o mais importante ao longo de sua trajetória literária foi conquistar grandes leitores, que são a base e a razão de tudo, e diz ficar contente com os diálogos que mantém com professores e alunos de diferentes níveis, apesar dos problemas estruturais da educação brasileira.

Para Hatoum, há bons leitores no Brasil desde o século 19. Uma das façanhas do romantismo e, sobretudo, de Machado de Assis, foi criar um público leitor exigente. Ele mesmo é um leitor em constante aperfeiçoamento. Não à toa, no discurso na ABL, o imortal rejeitou a ideia de um único cânone literário. Foi a leitura do crítico literário palestino-americano Edward Said, principalmente de “Cultura e Imperialismo”, ainda nos anos 1990, que o fez notar a existência de todo um universo artístico para admirar além do cânone consagrado por um punhado de países ocidentais. A antiguana Jamaica Kincaid, o libanês Elias Khoury e o palestino Ghassan Kanafani são exemplos.

Autobiográfico num país sufocado

Milton Hatoum nasceu em Manaus, em 1952, e viveu em Brasília durante a ditadura civil-militar, de 1967 a 1970. Ali, foi preso em uma passeata. No começo dos anos 1970, mudou-se para São Paulo para cursar Arquitetura na USP, em um ambiente cheio de amigos e de boemia. Deu aulas de História da Arquitetura no fim dos anos 1970, mas logo foi para a caminhada com a escrita. Mudou-se para a Europa nos anos 1980. Morou em Madri, Barcelona e Paris, onde estudou temas ligados à literatura. Voltou para Manaus em 1984 e deu aula de Francês e Literatura Francesa na Universidade Federal do Amazonas até 1999, quando se mudou definitivamente para São Paulo. Na capital paulista, vive com a mulher, Ruth, que trabalha no mercado editorial, e os dois filhos.

Estreou em 1989 com “Relato de um Certo Oriente”, com o qual venceu o Jabuti, primeiro de uma longa lista de prêmios. Nos livros de Hatoum, a memória aparece como mais uma forma de se criar ficção e as relações familiares têm um papel central nas tramas, normalmente encadeadas por personagens que vivenciam dramas, incógnitas e sonhos

“O que me surpreende, e eu falo isso sinceramente, é como durante esses quase 40 anos de carreira os livros continuam a ser lidos. As adoções em escolas, em universidades, as traduções... É difícil para um escritor brasileiro ter um público leitor. E eu nunca fui leviano ou condescendente no que escrevo.”

da formação durante a juventude. Em “Dois Irmãos”, publicado onze anos depois e até hoje seu maior sucesso, esse lugar cabe a Nael, filho da empregada indígena da casa, que conta a rivalidade dos gêmeos com quem cresceu sem saber qual dos dois é seu pai. Esse é o romance que rendeu a série de Luiz Fernando Carvalho e os quadrinhos de Fábio Moon e Gabriel Bá. Em “Cinzas do Norte”, de 2005, é Olavo quem carrega a história de Mundo, o amigo rico e rebelde, sem jamais entrar de fato na briga do outro. Os contos de “A Cidade Ilhada” vieram em 2006 e, dois anos depois, a novela “Órfãos do Eldorado”. Nessa altura a obra já circulava em quase 20 idiomas e era estudada em países como França, Alemanha e Inglaterra.

Foi então que entendeu ser hora de se dedicar a um dos seus projetos mais exigentes. Desde os anos na Europa, Hatoum alimentava a ideia de se basear na própria jornada para construir um romance com leves toques autobiográficos, no qual acompanhasse o amadurecimento de um jovem afastado de sua mãe num país sufocado por um regime de exceção. Chegou a escrever essa história quando morou em Madri, mas logo depois queimou os originais para evitar a tentação de publicá-los antes de ter a distância necessária. O momento chegou quase 40 anos depois. A trilogia “O Lugar Mais Sombrio” foi inicialmente pensada para ser um livrão de quase mil páginas. Após ouvir conselhos do editor e fundador da Companhia das Letras, Luiz Schwarcz, optou por transformá-lo na trilogia composta por “A Noite da Espera”, de 2017, “Pontos de Fuga”, de 2019, e o recente “Dança de Enganos”, lançado no fim de 2025.

A família que serve de pano de fundo é ficcional. Hatoum sempre credita à mãe a relação que construiu com a língua e a literatura. Lidar desde pequeno com os livros e com as histórias foi o que o fez desejar se tornar escritor. Mas o país amedrontado pela ditadura ele conhecia na pele. Na Flip deste ano, falou sobre a alternância entre medo e coragem, algo que

“Mais do que uma carreira, pensei num projeto literário: o drama familiar intimista que se expande para questões sobre as cidades e o contexto do país.”

DIVULGAÇÃO



DIVULGAÇÃO



DIVULGAÇÃO



DIVULGAÇÃO

Adaptações para cinema e TV, em sentido horário: “Retrato de um Certo Oriente” (baseado em “Relato de um Certo Oriente”), de Marcelo Gomes, 2024; “O Rio do Desejo” (baseado no conto “O Adeus do Comandante”), de Sérgio Machado, 2023; “Dois Irmãos”, de Luiz Fernando Carvalho, 2017; e “Órfãos do Eldorado”, de Guilherme Coelho, 2015

é humano, faz parte do nosso cotidiano e vai além da questão política, e explicou por que é tão difícil, para os familiares de desaparecidos políticos no Brasil, concluir o luto. “Não poder enterrar as pessoas que você perdeu pode se transformar em uma eterna melancolia. Essa melancolia tem a ver com a memória. É importante que tenhamos vozes para falar sobre eles”, disse.

A arquitetura do romance

Na hora de pensar um romance, há ecos de sua formação em Arquitetura — profissão que pouco exerceu. Hatoum precisa ter tudo esquematizado em diagramas desenhados à mão para só depois começar a, de fato, escrever. Isso ajuda a explicar o método de criação de toda a trilogia. Apesar de ter tido acesso a cartas, diários e arquivos de amigos presos e torturados durante a ditadura, decidiu não usar o material como estava em suas mãos. “Eu não passei pelo que eles passaram. Lendo aquilo, fiquei arrasado. Mas decidi inventar a partir do que eu li e das nossas conversas. A experiência do outro entra no romance transformada. Não fazia sentido eu repetir o que eles falaram, até para valorizar o trabalho da imaginação”, explica. “Já se passaram anos e anos. Acho que é o tempo que valoriza esse trabalho.”

Celebrar a imaginação de nossos grandes escritores é um modo consciente de honrar o passado. Dá para melhorar o presente, também, prestando atenção quando o escritor fala da boa mesa: o mil-folhas era, de fato, excelente. ▀

“Os escritores e as escritoras, de alguma forma, são herdeiros daqueles que não conseguiram ter sua memória exposta. O silêncio é cúmplice da barbárie.”

DRICA MORAES O TEATRO COMO TRANSCENDÊNCIA

TEXTO DIEGO OLIVARES

FOTOS ROBERT SCHWENCK



Atriz reflete sobre as dores e delícias de criar um filho homem no mundo contemporâneo e fala da dureza da existência sem nunca abrir mão do encantamento

Para Drica Moraes, pisar no palco nunca foi apenas uma escolha profissional. É, acima de tudo, uma condição de existência: “Tem aí uma necessidade de transcendência mesmo. Esse mundo é pouco, essa vida cotidiana é pouca. É boa, mas ela é pouca, não dá conta”, define, com a profundidade de quem reconhece na arte um canal para o sagrado. “Acho que quem trabalha com teatro é quase que um adicto da coisa”.

Esse desejo de ir além do comum move a atriz há mais de 40 anos, desde os primeiros passos nas peças infantis no Tablado, famosa escola carioca de teatro que já formou gerações de atores consagrados. Na sequência, ainda jovem, fundou, ao lado de colegas como Enrique Diaz e Isabel Garcia, o grupo Cia. dos Atores, um dos coletivos mais importantes da renovação do teatro carioca nos anos 1990. Ali, além de atuar, também acumulou funções como diretora de arte e cenógrafa em algumas montagens, desenvolvendo uma relação profunda com os processos de criação coletiva e experimentação cênica.

Na televisão, construiu uma trajetória marcada pela versatilidade, transitando entre humor, melodrama e personagens de forte densidade emocional em novelas como “Xica da Silva” (pela qual recebeu o Prêmio APCA em 1996), “O Cravo e a Rosa”, “Chocolate com Pimenta”, “Alma Gêmea”, “Verdades Secretas” e “Travessia”. No cinema, participou de produções de diferentes estilos e diretores, incluindo “Bruna Surfistinha” (que lhe rendeu o Grande Prêmio do Cinema Brasileiro de atriz coadjuvante) e sua continuação, prevista para estreiar em 2027. Ainda assim, apesar da popularidade conquistada nas telas, é no teatro que se sente verdadeiramente em casa. “Eu acho que é pura necessidade física, fisiológica, espiritual, emocional.”

“Sou uma pessoa que precisa estar ligada ao palco com uma certa frequência. Tem a ver com uma necessidade espiritual mesmo, de ocupar o espaço através da graça, da poesia, da narrativa de histórias outras e, de alguma forma, se ver espelhada nessas histórias.”

“Entre outros”

Atualmente, Drica dá vazão a esse turbilhão de sentimentos como protagonista de “Inter Alia”, espetáculo que fica em cartaz no Teatro Vivo até outubro. Com direção de Rodrigo Portella, a peça reúne ainda Caco Ciocler e Caio Cesar Passos no elenco. A obra é assinada pela dramaturga australiana Suzie Miller, já conhecida do público brasileiro por “Prima Facie”, espetáculo que ganhou uma premiada montagem nacional estrelada por Débora Falabella.

Drica Moraes interpreta Jessica, uma juíza ética, rígida em seus valores e profundamente comprometida com a humanização do sistema judiciário. Acostumada a ditar os rumos da justiça e a manter o controle dentro e fora dos tribunais, a magistrada vê seu mundo ruir e suas certezas mais arraigadas serem colocadas em xeque por conta de um acontecimento inesperado, que envolve diretamente o seu papel de mãe. A expressão que dá nome ao espetáculo vem do universo jurídico e indica que os argumentos apresentados não esgotam as possibilidades de interpretação. É justamente nesse território de ambiguidades que a peça se desenvolve.

Para Drica Moraes, esse universo de perguntas sem respostas definitivas tem ressonância particular. A montagem aborda temas como masculinidade, culpa, educação afetiva e responsabilidade coletiva, sem recorrer a soluções fáceis. Ao acompanhar personagens que tentam compreender seu lugar em um mundo em transformação, o texto dialoga com questões que também atravessam a atriz em sua experiência como mãe, mulher e observadora atenta das mudanças de sua época.

Ser mãe exige desapego

Se, na peça, a personagem de Drica se depara com os limites da própria autoridade diante dos rumos tomados pelo filho, na vida real a atriz compreendeu cedo que a maternidade exige uma constante dose de desapego e uma renúncia definitiva ao controle. Mãe de Mateus, hoje com 17 anos, ela encara o amadurecimento do filho como um processo de constante transformação e aprendizado mútuo.

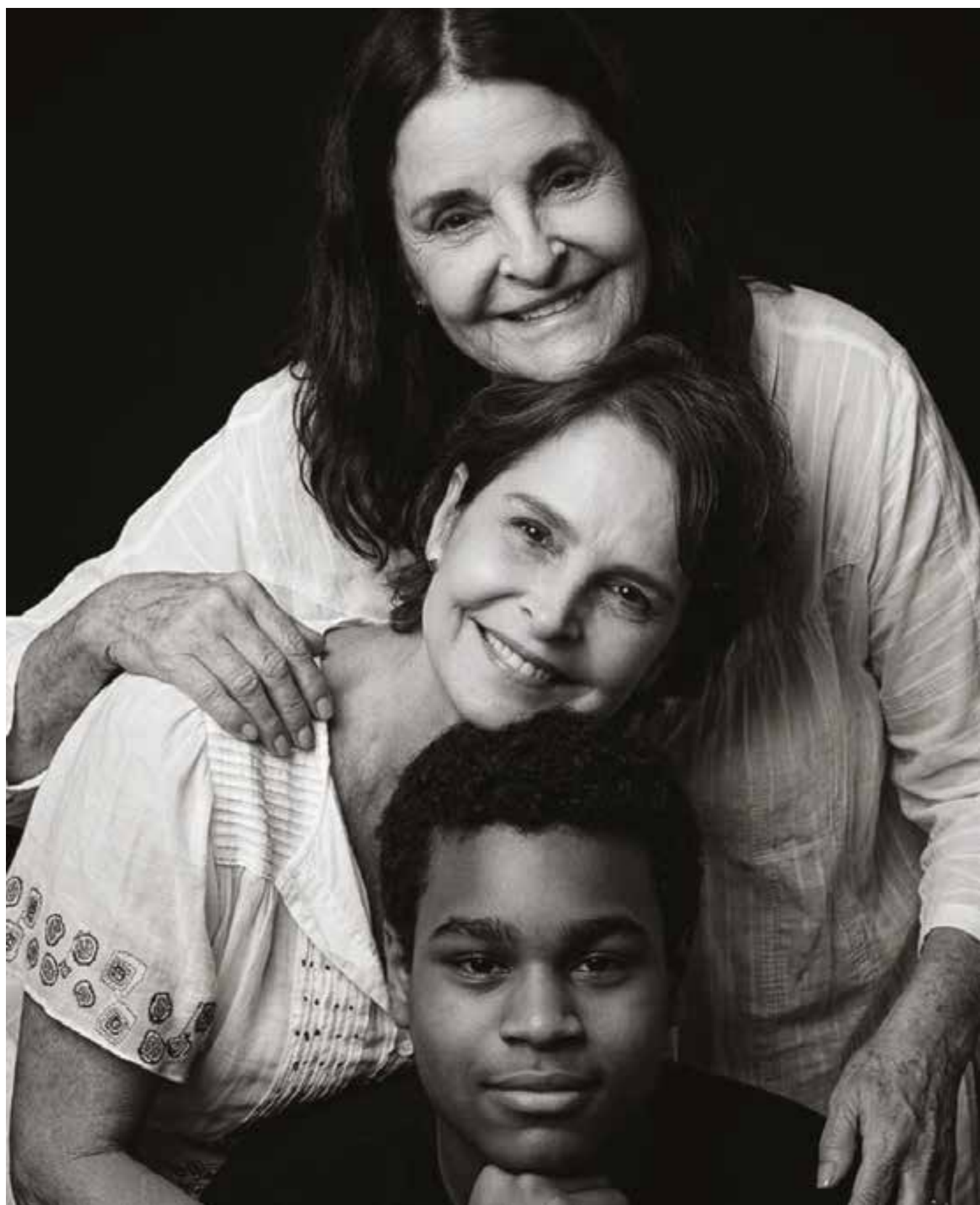
“Eu sinto que a gente tenta proteger, a gente cria expectativas, projeta... mas as coisas acontecem do jeito que

elas são”, reflete. Com a transição do filho para a vida adulta, Drica conta que o papel de mãe ganha novos contornos, exigindo muito mais generosidade do que imposições cotidianas. “É preciso uma escuta muito mais atenta, saber ouvir sem querer resolver o problema do outro. Saber apoiar mesmo não concordando muitas vezes, e não concordar sem botar o dedo na cara.”

Ao observar a juventude atual por meio das vivências de seu filho, reconhece as profundas transformações geracionais provocadas, principalmente, pela onipresença da tecnologia. “Eles todos têm agora o celular quase como um órgão do corpo, o tempo todo grudado, e isso não existia”, compara. Mas há angústias que não mudam. “É como uma página em branco: uma pessoa se procurando no espaço, tentando desenhar a sua vida de adulto, seus dons e suas facilidades.”

Como em tantas outras ocasiões ao longo da carreira, Drica enxerga em sua personagem atual uma oportunidade de fazer conexões com temas que, de alguma forma, dialogam com sua própria experiência de vida. “Eu acho muito difícil criar filho homem. E está muito difícil para os meninos jovens se encontrarem”, opina. A tentativa é tirar deles a máscara da força da masculinidade, para que se sintam capazes de se desarmar e pedir ajuda. A luta é desconstruir esses estereótipos não só em casa, mas na rua também.

Batalhas não são uma novidade na vida da atriz. Sua peça anterior a “Inter Alia”, a comédia “Férias”, foi viabilizada por Drica, que contratou boa parte da equipe e fez “a roda girar”, como define. Mas se as dificuldades para colocar de pé um espetáculo muitas vezes ficam restritas aos bastidores, os momentos mais desafiadores de sua vida pessoal tiveram ampla cobertura midiática. Foi assim com as tentativas frustradas de engravidar e, mais tarde, com a adoção de Mateus. Aos 39 anos, em meio a um término de relacionamento, ela se viu diante do desafio de construir a maternidade sozinha. Logo depois, em 2010, no dia do aniversário de 1 ano do filho, veio o diagnóstico de leucemia de Drica. Durante o tratamento, ela passou por sessões de quimioterapia e teve que ficar isolada por longos períodos, longe da família e do trabalho. Sua chance de sobreviver foi



Com a mãe, Clarissa Gaspar, e o filho, Mateus; acima, com Fabio Assunção, em cena na peça “Férias”

estimada em 20%. Porém, um bem-sucedido transplante de medula óssea virou o jogo a seu favor.

Depois da doença, Drica passou a falar com mais frequência sobre a sensação de urgência diante da vida e sobre a necessidade de escolher melhor onde deposita energia. Há em sua fala uma combinação rara entre lucidez e entusiasmo, como alguém que reconhece a dureza da existência sem abrir mão do encantamento.

Sua trajetória parece emular a própria força do teatro, que, mesmo com o surgimento de novas tecnologias e formas de expressão, sempre dá um jeito de sobreviver, nutrido pela pulsão vital de quem o faz. “Realmente, vai chegando umas viradas da vida que você vai falando, ‘meu Deus, já vi tanta coisa e estou aqui altamente em chamas ainda, vibrando, vibrante’”, celebra, afirmando-se presente e cheia de energia para fazer tudo o que faz. Drica chama de milagre. O público levanta e aplaude. ▣

“Eu acho que os adolescentes contemporâneos têm a mesma curiosidade pela vida, a necessidade de pertencer a grupos, de negar os pais que nós tivemos. Isso tudo ainda é igual.”

ROBERTO RISCALA MIRA LÁ FORA

TEXTO MILENE CHAVES

FOTOS VANS BUMBEERS



De uma visita à casa de Burle Marx até hoje, são 35 anos de carreira em que o paisagista embeleza espaços, cria áreas de convivência e convida os clientes a viverem o próprio jardim

No ano de 1991, um fotógrafo reuniu, no alto de uma escadaria, alguns profissionais que assinavam a autoria de ambientes na CASACOR, exposição anual de decoração na capital paulista. Entre os nomes de peso daquela edição, como Jorge Elias e José Duarte Aguiar, estava Roberto Riscala, aos 24 anos, em sua primeira participação. A foto sairia naquele fim de semana na revista local mais influente da época, a Veja São Paulo. 35 anos depois, Riscala está à frente do escritório Roberto Riscala Paisagismo e é autor de mais de 1500 projetos de área externa, implantados tanto em São Paulo quanto em outras localidades pelo Brasil, como Petrolina e Uruguaiana.

Hoje, diferentemente da sua primeira aparição na mídia, quando dividiu protagonismo com colegas da CASACOR, Riscala conquistou uma posição de destaque na profissão. Além de diversas matérias exclusivas sobre ele em revistas do Brasil e de Portugal, publicou os livros “Os Jardins de Roberto Riscala” (2010) e “Arquitetura de Jardins” (2018), e conta com uma base de 170 mil seguidores em seu perfil no Instagram. O paisagismo que ele cultiva agora já influencia outros profissionais. Mas as raízes dessa trajetória escondem um início inesperado.



Seu projeto na CASACOR, em 2018, com jabuticabeiras que “atraem pássaros e dão frutos”; acima, a grade de ferro da fachada e o jardim com ares de castelo francês em fazenda no interior de São Paulo

Seu pai, Fares, era um engenheiro libanês, e a mãe, Vera, advogada. Riscala conta que a escolha da profissão aconteceu “meio por acaso”, em 1986, quando ainda era estudante de Arquitetura na Belas Artes, e aproveitou que os pais estavam se separando para ir morar sozinho. Agarrou o primeiro emprego que apareceu: uma vaga no setor administrativo de um escritório de paisagismo pequeno, mas de renome, em São Paulo. No ano seguinte, foi promovido ao time de arquitetos da empresa. Ali ele ficou por mais alguns anos, o suficiente para entender que, sim, gostava de desenhar plantas baixas, desde que fossem as da parte externa. Acabou não concluindo a faculdade.

Sob a bênção de Burle Marx

Riscala começou projetando jardins franceses e italianos, ideais para acompanhar a arquitetura neoclássica que tanto fez sucesso na época. Não demorou a incorporar espécies típicas da vegetação tropical, influenciado por um encontro com Roberto Burle Marx (1909-1994). Ele mesmo, em pessoa. Riscala estava de férias com a então namorada e hoje sua atual mulher, Patricia, no Rio de Janeiro, em 1988, quando teve a ideia de procurar o número na lista e ligar para o famoso



DIVULGAÇÃO



GISSELLE SAUER/DIVULGAÇÃO



DIVULGAÇÃO

Alguns dos projetos de Riscala: ambientes cercados por verde no interior de São Paulo; e, à esquerda, um jardim em Cachoeira do Sul

paisagista perguntando se poderia visitá-lo. Ele aceitou. “Passei um fim de semana naquela casa espetacular, que ainda não era muito conhecida do público. Na chegada, ele mal olhou na minha cara; mandou seu cachorro passear comigo”, diverte-se. Hoje, o local é conhecido como Sítio Burle Marx, na Barra de Guaratiba, Zona Oeste do Rio. Ali se encantou de verdade pelo paisagismo. Riscala guarda uma foto desse momento, em que mostra a tela que Burle Marx pintava na ocasião. “Procuro até hoje esse quadro, queria descobrir quem comprou”, conta. Enquanto o mistério do paradeiro da obra não se resolve, ele mantém uma grande foto do artista pendurada na parede do escritório, na Vila Olímpia, “para abençoar todo mundo”.

Exuberância e simetria na carreira solo

Ao deixar o escritório onde começou a carreira e enveredar por uma trajetória solo, em 1990, teve Maricy Trussardi (1935-2022), sua madrinha de casamento, como uma das primeiras clientes. A matriarca da tradicional família paulistana, influente no mercado têxtil e de moda, foi cliente de Riscala até o fim da vida, e alguns de seus filhos e netos seguiram o mesmo caminho. Na primeira metade dos anos 2000, foi chamado para fazer um jardim no bairro carioca de Santa Teresa. Encontrou ali as paisagens estonteantes do Pão de Açúcar e do Corcovado. A área externa tinha apenas um gramado salpicado por palmeiras bem altas, um projeto difícil porque ele não poderia tapar a vista. À moda do mestre Burle Marx, introduziu volumes de vegetação nativa em canteiros de desenho livre. Cycas, bromélias, moreias, alpínias, pinangas, singônios, jasmims, fórmios, ixoras e, ainda, uma árvore, a guapuruvu, passaram a emoldurar a paisagem.

Criar esse tipo de jardim, que promove um “mergulho” na Mata Atlântica, porém, nunca impediu Riscala de voltar aos clássicos. “Não me sinto um ‘criminoso’ por fazer algo mais formal só porque, no momento, todo mundo está mais abrazeirado”, argumenta. Nos livros autorais já mencionados, há exemplos neoclássicos como o Haras Vila dos Pinheiros, em Indaiatuba, e a fachada do Palácio dos Bandeirantes, projeto doado ao Estado em 2019. Seu trabalho também chegou às

*A residência no Rio,
com vista para o
Pão de Açúcar*



casas de personalidades como Fausto Silva, Fabio Jr., José Wilker, Guilhermina Guinle e o casal Bruna Lombardi e Carlos Alberto Riccelli.

Ser bem relacionado o ajudou, sem dúvida, mas nunca garantiu que seus trabalhos durassem muito tempo, já que um jardim é vivo e perde a forma naturalmente. Para driblar esse desafio da manutenção, procura encantar o cliente para que ele queira frequentar a área externa da própria casa e, portanto, cuidar dela. Com os oito arquitetos do escritório, inventa estratégias convidativas como a piscina, o playground, o fire pit e os caminhos de pedras atérmicas. “Paisagismo, hoje, é arquitetura de exterior”, define. Tem dado certo. Aos 60 anos, com uma carteira de clientes sólida, ocupa boa parte do tempo realizando a manutenção dos próprios projetos, tendo como apoio um depósito de mudas no Alto de Pinheiros, além de um time de jardineiros.

Se sair na imprensa funcionou como um pontapé para a carreira lá em 1991, a projeção do trabalho nas décadas seguintes cumpriu papel essencial para manter seu nome em evidência ano após ano. Desde a estreia, foram 28 participações na CASACOR. Em 2025, o evento que apresenta tendências de decoração, paisagismo e design de interiores aconteceu em uma edificação preservada por tombamento dentro do Parque da Água Branca, Zona Oeste da capital paulista. Ali, ele conta, “não havia um centímetro quadrado de terra para plantar no chão”. Do universo criativo e do repertório de soluções do profissional, brotou o Jardim Imaginário. Plantas como *strelitzia augusta*, *maranta-charuto*, *monstera*, *filodendro-ondulado* e uma jabuticabeira foram arranjadas em vasos de larguras e alturas diferentes, posicionados de maneira simétrica, com irrigação e iluminação automáticas. “Se, no futuro, tudo for pavimentado, fica provado que, ainda assim, é possível ter um jardim”, reflete sobre uma distopia que não parece tão distante e para a qual ele já antecipa soluções. ▀

“Gosto de dizer que a casa é o quadro e o paisagismo é a moldura. Um quadro pode ser bonito, mas fica ainda melhor com uma boa moldura.”

LATITUDES e suas rotas únicas

TEXTO MIRIAM GIMENES

A cidadela medieval de Bonifácio, no extremo sul da ilha de Córsega, na França, é parte do Private Cruise Expedition Mediterrâneo

ISTOCK

Ao longo de mais de duas décadas à frente da empresa de turismo, Alexandre Cymbalista construiu uma visão particular sobre o ato de viajar. Nesta conversa, ele fala sobre a filosofia que orienta seus roteiros e a importância de compreender o mundo para além da própria cultura

Na Grécia Antiga, o aprendizado não se limitava a espaços fechados. Aristóteles desenvolveu o conceito do encontro peripatético (do grego “aquele que passeia”), em que mestres e alunos caminhavam pelos jardins de Atenas enquanto discutiam filosofia. Ali, o deslocamento do corpo acompanhava o pensamento, como se um complementasse o outro. Milhares de anos depois, pode-se dizer que essa ideia ganha uma releitura contemporânea na Latitudes — Viagens de Conhecimento, empresa que parte do princípio semelhante de aprender em movimento. No caso, o trajeto vai além dos passos, já que há diversos modais à disposição, e não tem só o turismo como objetivo, mas também uma imersão mais profunda nos destinos.

A origem do projeto foi em 2003, quando o empresário Alexandre Cymbalista teve a ideia de distinguir o viajante do turista. “O viajante quer entender um pouco mais a fundo. Quer ouvir mais, ler mais, absorver mais. Vai com menos carga da própria cultura e mais aberto para entender o mundo como ele é”, explica o fundador da Latitudes, que vem mirando nesse público desde então. Essa disposição é essencial para quem quer ampliar horizontes, como o próprio Alexandre fez em toda sua trajetória.

Passadas mais de duas décadas da criação da Latitudes, o conceito das viagens de conhecimento foi além dos grupos temáticos que marcaram seu início. Vieram os destinos autorais em jatos privados, navios, iates e trens de luxo, as chamadas Private Expeditions, que reúnem pequenos grupos em roteiros desenhados pela empresa, com especialistas convidados, logística própria e personalização. Boa parte desse caminho foi construído ao lado da Casa do Saber, instituição de educação parceira da empresa no projeto. Historiadores, filósofos e pensadores como Leandro Karnal, Luiz Felipe Pondé e Monja Coen, entre outros nomes, passaram a integrar as viagens, o que ajuda a ampliar o olhar dos viajantes sobre culturas e territórios.

O perfil do cliente também foge do convencional. “Eles têm um olhar mais explorador, estão dispostos a enfrentar situações um pouco mais adversas. Já conheceram os destinos mais óbvios e buscam lugares fora da curva”, conta Alexandre. Talvez seja isso que explique roteiros que vão da Antártida ao Rio Negro, da Serra da Capivara à África Ocidental e que ampliam o saber de uma forma ímpar.

“Nas viagens que promovemos você deixa de ter apenas a informação do ambiente e ganha novas camadas de interpretação. E é isso que transforma tudo em conhecimento.”

Jornadas com embarque em 2027



*Uma das viagens
à Antártida, com
passeios em barcos*

SHUTTERSTOCK

PRIVATE CRUISE EXPEDITION ANTÁRTIDA | Fevereiro

Partindo de Ushuaia (Argentina), o grupo navega por 11 dias rumo ao silêncio branco da Antártida, explorando ilhas, bases científicas e a vida selvagem única do continente, com a bióloga Ema Kuhn, o psicanalista Christian Dunker, a neurocientista Suzana Herculano-Houzel e o escritor Mia Couto.

“A ideia é ter um especialista, um anfitrião e os guias locais construindo camadas diferentes de compreensão sobre um mesmo lugar.”



YANG / UNSPLASH

TRAVESSIA MONGÓLIA COM SAULO GOULART

| Agosto e setembro

A história de um dos povos mais resilientes do mundo é aprofundada nessa viagem em grupo. Localizada entre a Rússia e a China, essa nação pouco populosa é uma incrível descoberta, com belos cenários naturais e considerada um dos últimos redutos da cultura nômade no planeta.

*Uma das paisagens da Mongólia:
cenários impressionantes*



ADRIAN BOTICA / UNSPLASH

*Sinaia, uma estação
de montanhas no
condado de Prahova,
nos Cárpatos,
próximo a Bucareste*

PRIVATE TRAIN EXPEDITION QUATRO REINOS

| Setembro e outubro

A jornada de 20 dias por Bucareste, Sinaia, Brasov, Sighișoara, Sibiu e o Mosteiro de Voronet (Romênia), segue por Budapeste (Hungria) e Bratislava (Eslováquia), antes de explorar Cracóvia, Varsóvia e Gdansk (Polônia), um passeio a Kaliningrado (Rússia) e Dresden e Berlim (Alemanha). O historiador Filipe Figueiredo, criador do podcast Xadrez Verbal, e o jornalista Jaime Spitzcovsky, ex-correspondente da Folha de S. Paulo em Moscou e Pequim, acompanham o grupo.

As paisagens da Costa Amalfitana em contraste com o visual colorido de sua arquitetura



LOUISE KRAUSE / UNSPLASH

PRIVATE CRUISE EXPEDITION MEDITERRÂNEO | Maio

Durante 18 dias, o iate Emerald Sakara percorre três grandes ilhas do Mediterrâneo e passa por mais de 13 lugares como Salerno, Pompeia, Paestum e a Costa Amalfitana. O roteiro mergulha em história antiga, arte e paisagens mediterrâneas.

TAMBÉM ESTÁ NO RADAR...

- Índia, com Saulo Goulart
- Noruega, com Johnny Mazzilli e Magnólia Costa
- Egito, com Cintia Gama-Rolland
- China, com Nilton Bonder
- França e Bélgica, com Pondé
- Namíbia, com Expedition Leader
- Cerrado brasileiro, com Marcelo Backes



RENATO PIZZUTTO

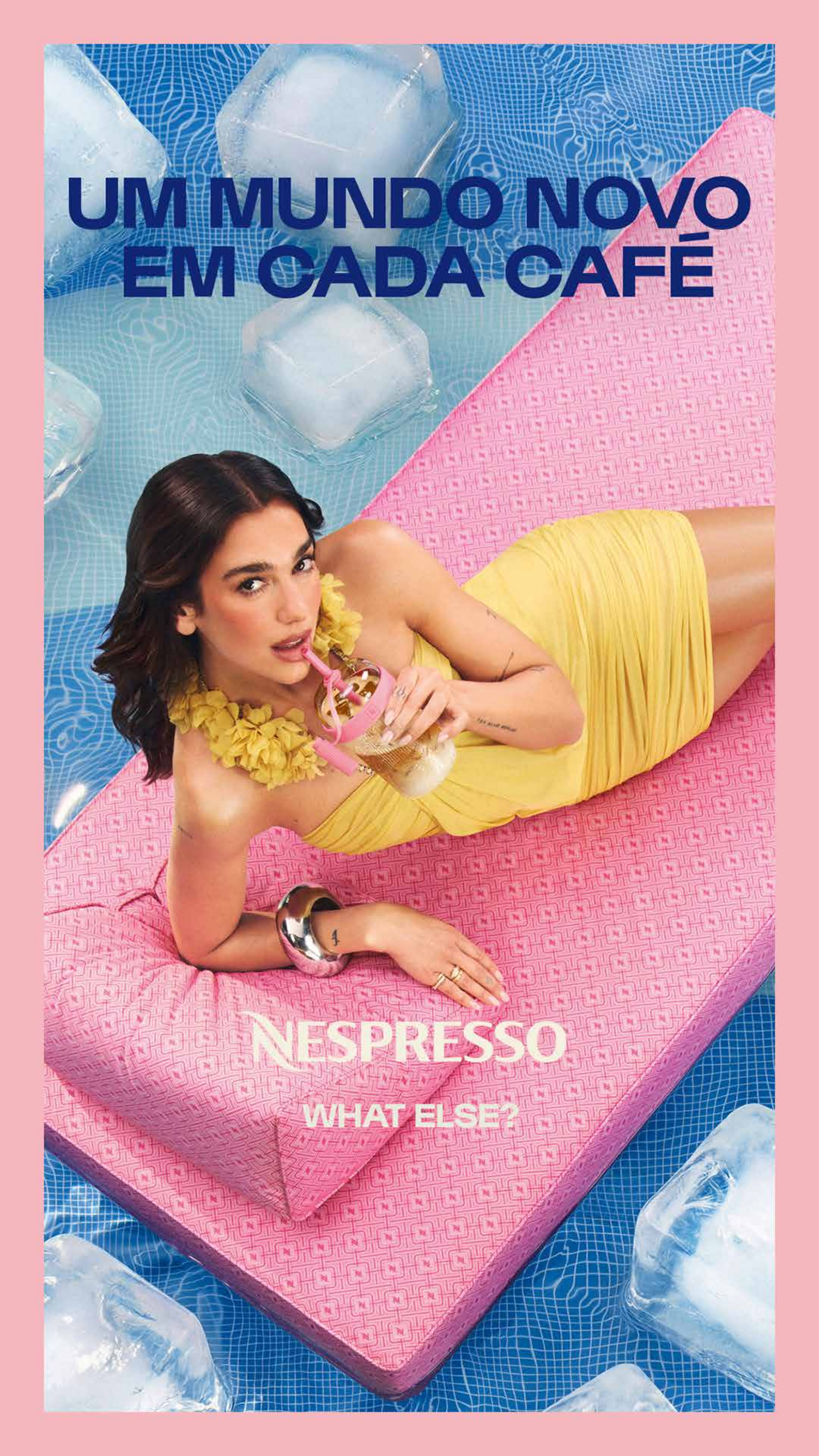
O céu não é o limite

E o que atrai um viajante que já foi a mais de cem destinos? Ver o mundo do alto. Essa história começa na adolescência de Alexandre Cymbalista, quando ele subiu sua primeira montanha, nos Andes, aos 13 anos, e não parou mais. “Um lugar frio, com exposição à altura, que exige certo desafio, é um ambiente de que eu gosto. Me dá a sensação de vida mais plena”, ele diz. Começou então a fazer viagens para destinos como Chile, Peru, Europa e Antártida.

E foi em uma delas, aos 18 anos, que viveu a experiência que transformaria sua vida. Durante uma escalada no Cerro Tronador, em Bariloche, na Argentina, Cymbalista e um amigo, Adriano Petrachi, foram surpreendidos pelo mau tempo e ficaram presos na montanha. Para sobreviver, improvisaram uma cova no gelo que serviu de abrigo até que a tempestade passasse. “Não sei se foi exatamente uma experiência de quase morte. Éramos dois garotos, mas foi uma situação muito forte”, lembra. Foram resgatados no terceiro dia. O susto o fez prometer para si mesmo que nunca mais subiria uma montanha, juramento que durou apenas seis meses. É difícil abrir mão de uma paixão. Pouco tempo depois, passou uma temporada trabalhando como alpinista na Estação Brasileira na Antártida e nunca mais se afastou das alturas, apenas uniu a prática ao empreendedorismo.

Formou-se em Administração de Empresas pela USP e trabalhou em grandes empresas em cargos que envolviam marketing e gestão. Logo depois, recebeu um convite do seu futuro sócio, Manuel Lemos, que havia conhecido durante as escaladas. Ali, ele tinha uma ideia, até então inédita no mercado brasileiro do início dos anos 2000, de organizar viagens para grupos interessados em yoga, hinduísmo, budismo e filosofias orientais. Alexandre achou o projeto fascinante. O resto é história.

Mas há ainda um sonho de criança a se realizar: viajar para o espaço. Tanto que no evento que fez neste ano anunciando os destinos programados pela empresa, lançou a semente de um roteiro espacial para 2035. Não é de se estranhar que, na ocasião da entrevista, Cymbalista estivesse lendo “Imortalidades”, de Eduardo Giannetti, livro que investiga o desejo humano de ultrapassar a própria finitude e permanecer para além dos limites do corpo e do tempo. Para quem cresceu com o horizonte cercado pelo cinza urbano, talvez a busca nunca tenha sido só por altitude ou aventura, mas pela possibilidade de transcender. Primeiro vieram as montanhas, depois os continentes e, agora, ele mira as estrelas. ▀

A woman with dark hair, wearing a bright yellow strapless dress and a matching ruffled collar, is lying on her side on a large, pink, rectangular cushion. The cushion has a repeating geometric pattern. She is holding a clear glass filled with a golden liquid and ice, with a pink straw in her mouth. She is looking directly at the camera. The background is a blue, textured surface, possibly a pool of liquid, with several large, clear ice cubes floating around. The overall aesthetic is vibrant and surreal.

**UM MUNDO NOVO
EM CADA CAFÉ**

NESPRESSO

WHAT ELSE?

Como eu vim parar aqui por **Guilherme Rainer**

TEXTO BARBARA DEMEROV

ILUSTRAÇÕES CAMIS GRAY



MICHELE SUTO/DIVULGAÇÃO

O influencer conta como a vida deu uma guinada na juventude, quando foi estudar em Nova York, e das novas mudanças no retorno ao Brasil

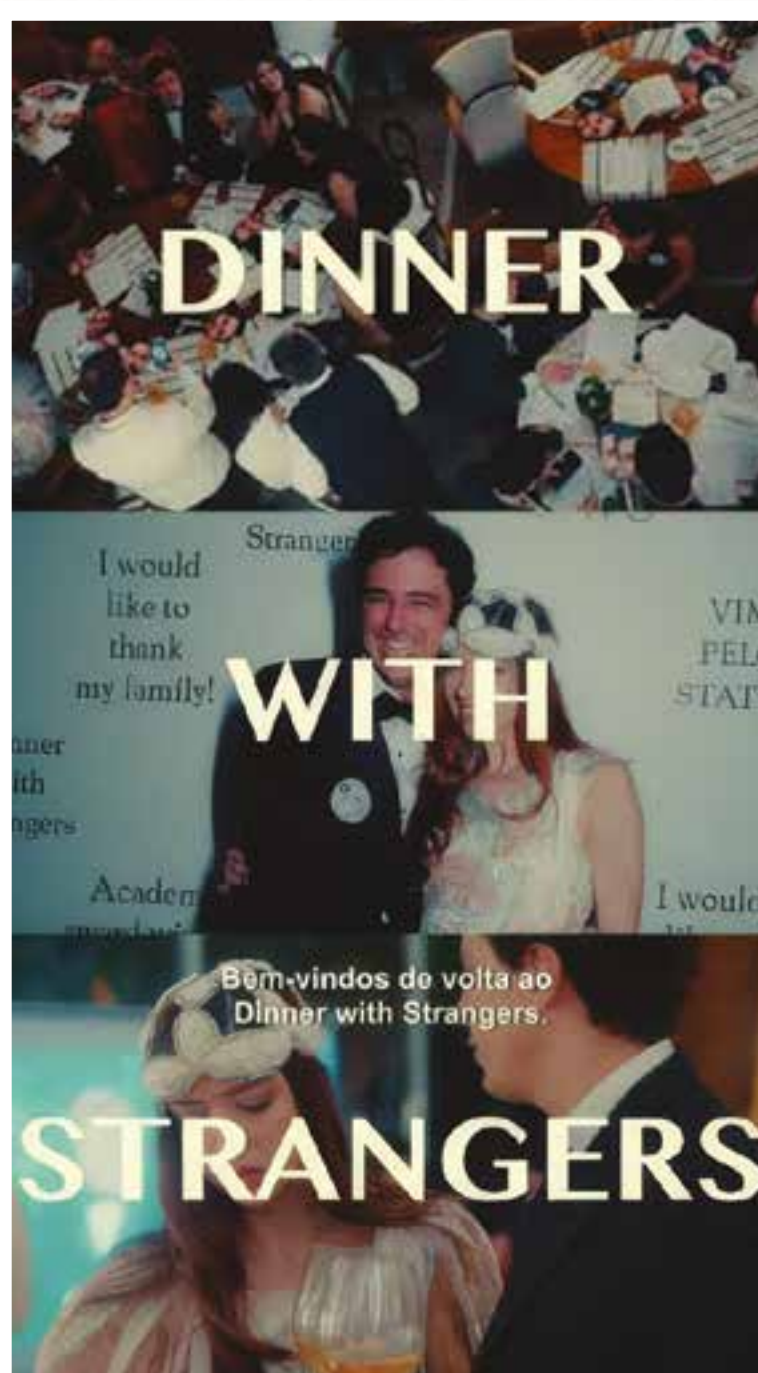
Se você acha que a minha vida é um editorial de moda contínuo, eu lamento informar: atualmente, metade dela é passada pensando em como eu odeio filas, e a outra metade tendo de lidar com os perrengues de uma mudança de casa. Mas calma, vamos do começo.

Meus olhos brilharam pelo audiovisual ainda criança, assistindo ao Oscar e entendendo que havia uma indústria inteira ali. Anos depois, fui fazer o quê? Cinema na Universidade de Nova York (NYU), claro. Entre 2016 e 2020, Manhattan foi meu grande laboratório. Minha tese de graduação analisava a arquitetura de narrativas cinematográficas, mas a verdade é que Nova York virou um estado de espírito e o alicerce da minha sanidade (ou, talvez, da falta dela).

Enquanto estudava na cidade que nunca dorme, passei quatro anos nos bastidores do The Late Show with Stephen Colbert, sendo a alma caridosa responsável por guiar os convidados até o estúdio. Lidei com nomes como Julie Andrews, Julia Roberts e Denzel Washington enquanto aprendia uma lei de ouro da TV. “Você não pode demonstrar nervosismo, tem que fingir que a sua alma não está saindo pelo corpo até quando a estrela de ‘Uma Linda Mulher’ está ali, na sua frente”.

Apesar do glamour cosmopolita que a gente tanto vê nos filmes (e que é real mesmo), acredite, Nova York cobra seu preço. Chegou uma hora em que a cidade me engoliu, e até hoje tenho certo bode de pensar em voltar, mesmo que seja só para passar alguns dias. Em janeiro de 2023, prestes a completar 25 anos, eu decidi que era hora de voltar para o Brasil. Amadurecimento? Talvez sim. Aqui, cocriei o podcast documental “Do Céu ao Inferno — O Caso Herberts Cukurs”, comprado pela Audible.

Logo depois, bateu aquela coceira existencial. Queria mudar de área sem abandonar a cultura e o entretenimento, que tanto me fazem feliz. Foi aí que nasceu o “The Guipi Review” no Instagram. Por um ano e meio, a minha cadência de postagem era quase que uma piada. Até que Vitoria Fiore, uma das minhas melhores amigas (e também criadora de conteúdo) olhou na minha alma e disse: “Meu amor, ou você posta todo dia ou você vai sumir para as pessoas”.



Obedeci. E percebi que falar sobre amenidades, como quais nomes compostos deveriam voltar à fama, o que se passa na minha cabeça enquanto eu ando de bike elétrica por São Paulo ou quais drinks são hétero e quais são gays, era a minha praia. Afinal, estou sendo eu mesmo. Dessa forma, meu escopo expandiu. Mas o ápice mesmo veio com o quadro “Dinner with Strangers”, criado ao lado da Vitoria para resolver uma grande questão da nossa geração que é a total incapacidade de fazer amizades na vida adulta.

Esse conteúdo orgânico rendeu, mas acho que o que mais deu certo foi o match entre nós dois (que já existe na vida fora das redes) na frente das câmeras. Além desse quadro, gravamos juntos sobre assuntos diversos em vídeos mais longos, de 10 minutos, e sem cortes. O que é ser um melhor amigo, sobre energia de gente solteira, a arte de saber ir embora (não só de lugares como de pessoas também) e por aí vai...

Meu feed é uma miscelânea guiada por uma mente que simplesmente não para. Hoje em dia, eu habito o espaço entre falar de gastronomia, moda e aquelas observações completamente aleatórias do cotidiano de forma leve, ou quase isso. Claro que também trago informação e curadoria. Se você quer dicas de garimpo ou pechincha na feira do Bixiga, é comigo mesmo. No fim das contas, a regra é criar um papo orgânico e despretensioso com marcas que realmente têm a ver comigo e, claro, debater os grandes problemas da humanidade em uma terça-feira à tarde. Eu já falei que odeio filas?



O guia do Guipi

Nova York

Tinha um programa que eu fazia e que eu inventei o nome: **Manhattan North to South (1)**. Os invernos eram muito difíceis para mim, é muito sofrido o frio e lidar com a falta de luz. Quando chega a primavera, vem uma atmosfera de esperança, uma coisa de “já, já melhora”. Quando começa a esquentar um pouco, é uma delícia sentir o sol na pele. Então, quase todo ano eu fazia esse programa, que basicamente era ir andando lá de cima de Manhattan até o Battery Park, na ponta da ilha, perto de onde sai a balsa para Staten Island.

Deluxe Green Bo Restaurant (2): esse restaurante chinês fica na Chinatown e, por fora, parece uma lavanderia. Você até pensa que vai pegar uma leptospirose, mas lá tem o melhor soup dumpling que eu já comi na minha vida. Superdespretensioso.



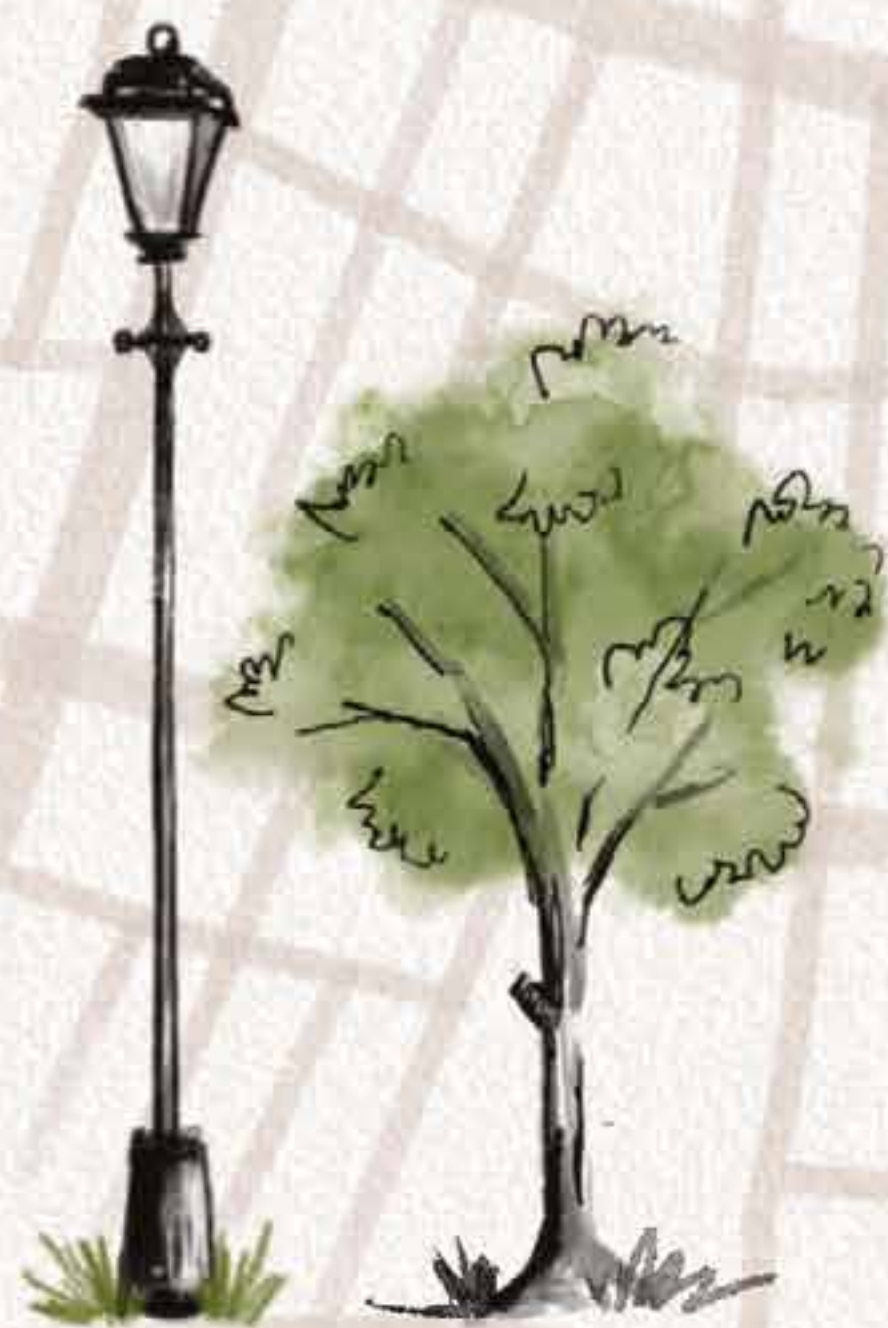
O **Don Angie (3)**, que fica no West Village, tem a melhor lasanha do mundo e o tiramisu obrigatório. O truque: chegue às 15h30 para um late lunch porque conseguir reserva por lá é uma missão espiritual quase impossível.

O duo perfeito é este aqui: drinks no **Pisellino (4)** e jantar no **Via Carota (5)** (um em frente ao outro). É o programa perfeito em qualquer estação na cidade!





Na parte de decoração, sou obcecado pela **John Derian Company (6)**, uma loja bem old school com aquela vibe de fazenda inglesa que parece cenário de filme britânico. Perfeita para comprar coisas que você não precisa, mas quer muito. Nova York tem disso: você vai andando sem rumo e descobrindo essas joias. Essa loja é uma delas.



“Eu jamais poderia ser aquela pessoa especialista em um assunto só. Adoro poder um dia falar de receita, no dia seguinte de moda, e no outro de nomes antigos.”

São Paulo

Novos Para Nós (1), uma loja aberta pelo Renan Quevedo sobre arte popular brasileira, localizada na Alameda Itu. Ele fez todo um mapeamento de artesãos e artistas do Brasil todo, e criou essa loja que é uma centralizadora do trabalho dessas pessoas. É um retrato de um Brasil que muitas pessoas não conhecem. A nossa cultura valoriza mais o que é de fora, e olhamos pouco para o que há aqui dentro. O trabalho que ele faz é incrível.

Amo cerâmica e tem dois ateliês pelos quais sou apaixonado: no **Cerâmica & Cia (2)**, na Vila Madalena, eles sabem brincar com cores e fazer coisas fofas. É como se fosse uma brincadeira sofisticada. E o outro ateliê é o **Rosa dos Ventos (3)**, na Vila Olímpia. Uma cerâmica muito elegante. Para quem gosta, são duas visitas que valem muito a pena.



Longe de ser uma grande descoberta, porém sempre interessantes, são as feiras de antiguidades. Feiras assim são um experimento sociológico. Você pensa: “por que alguém tinha isso?”. É muito de você ter a criatividade de pensar aquelas peças num contexto diferente. Vale a pena conhecer tanto a da **Benedito Calixto (4)** quanto a do **Bixiga (4)**.

Um passeio pelo **Minhocão (5)** é muito legal. Você entra em algumas lojas e até pensa: “que desespero”. Mas se você tem o olhar e a visão do que quer, consegue achar peças incríveis.





FILMES E SÉRIES (UM POUCO DE TUDO)

Minhas referências vão desde a elegância voyeur de “**Janela Indiscreta**” (6), de Alfred Hitchcock (aos 13 anos, me apaixonei pelo figurino impecável de Grace Kelly neste filme), a sensibilidade de “O Curioso Caso de Benjamin Button” até a genialidade da quebra da quarta parede de “Fleabag”, série criada por Phoebe Waller-Bridge.

Também sou fascinado pelo universo de “**Mad Men**” (6), série dramática ambientada em uma Nova York dos anos 60.

Aos domingos, visto o manto do crítico de cinema e dou dicas bem variadas de filmes no meu perfil. ▣

Almeida & Dale Global com DNA brasileiro

TEXTO FELIPE MACHADO

FOTOS RENATO PIZZUTTO

Quase três décadas após a fundação da galeria, Antônio Almeida e Carlos Dale lideram uma nova fase de expansão, conectando acervos, artistas e estratégias para fortalecer a presença da arte brasileira no cenário internacional



*Antônio Almeida
e Carlos Dale na
galeria, sempre
em expansão*

Há uma cena que Antônio Almeida e Carlos Dale gostam de lembrar quando querem explicar o que fazem. Não é uma venda histórica pelo alto valor, nem uma exposição que virou marco. É uma ideia: a de que o modernismo brasileiro nunca foi um capítulo encerrado. “É um movimento que continua reverberando, construindo novas pontes e significados”, diz Almeida. É a partir dessa convicção, o conceito de que o passado opera no presente como força ativa, não como arquivo, que a Almeida & Dale foi construída. E é a partir dela que, quase três décadas depois de sua fundação, a galeria move suas peças com uma velocidade que o mercado de arte brasileiro poucas vezes viu.

A Almeida & Dale nasceu em 1998, num momento em que o mercado secundário, aquele que trabalha com obras já em circulação, vindas de coleções, espólios e leilões, ainda funcionava de forma fragmentada no Brasil. Profissionalizar esse circuito, integrar os mercados primário e secundário sob uma mesma lógica curatorial e olhar para além das fronteiras do eixo Rio-São Paulo parecia uma estratégia com grande potencial. O que talvez não estivesse tão explícito no plano de 1998 era a dimensão que esse projeto acabaria tomando.

Novos rumos

Em 2025, a galeria concluiu a fusão com a Galeria Millan, fundada em 1986 e uma das casas mais respeitadas de São Paulo. A operação não foi uma aquisição no sentido convencional, mas uma espécie de integração. “Já trabalhávamos juntos antes de isso se formalizar, compartilhando projetos e entendendo, na prática, como essa integração poderia acontecer”, explica Almeida. O resultado foi uma estrutura que reúne um dos conjuntos mais robustos de artistas, espólios e programas curatoriais do país, além de força para operar de forma relevante no mercado internacional.

“O trabalho com o legado histórico não é apenas preservação. É ativação. Essas obras continuam sendo reposicionadas, relidas, ganhando novos sentidos no presente”, diz Carlos Dale.

Em 2025, a galeria passou a representar o espólio de José Leonilson, em parceria com a família do artista e o Projeto Leonilson. Ele é hoje uma das figuras mais estudadas e colecionadas da arte brasileira do século 20, com presença crescente no exterior. Para a Almeida & Dale, no entanto, assumir o espólio não significa apenas gerir um catálogo. “Estamos estruturando essa presença de forma ativa globalmente, com o desenvolvimento de projetos, a ampliação da inserção institucional e o fortalecimento de sua posição no circuito internacional”, diz Dale. É o mesmo princípio que orientou a doação da obra “Sonho” (1939), de Heitor dos Prazeres, para a Pinacoteca de São Paulo. A ideia é ampliar a presença de um artista numa instituição central, sem esperar retorno imediato.

Expansão

A expansão geográfica da galeria é tão ambiciosa quanto a curatorial. Hoje o grupo mantém presença e parcerias em Recife, Brasília, Goiânia, Rio de Janeiro, Porto Alegre e São Paulo, uma capilaridade que rompe com a lógica histórica do mercado de arte brasileiro, sempre concentrado no eixo Rio-São Paulo. A mais recente movimentação nessa direção é a compra da Bolsa de Arte, fundada em 1980 pela marchande Marga Pasquali e uma das galerias mais tradicionais de Porto Alegre. Com o negócio, a casa gaúcha passa a integrar o grupo e traz consigo nomes como Carlos Vergara, José Bechara,



SERGIO GUERINI/DIVULGAÇÃO



DIVULGAÇÃO

À esq., obra sem título, de Leonilson; acima, “Sonho”, de Heitor dos Prazeres (1939)

*Quadro do artista Thiago
Martins de Melo, “O Dia
Depois do Amanhã” (2026)*

ESTÚDIO EM OBRA



Regina Silveira e o espólio de Nelson Leirner. “Quando chegamos a uma nova cidade, não entramos de forma impositiva. Entramos com um parceiro local, alguém que conhece aquela praça, que tem relação, história e repertório naquele contexto”, diz Almeida.

No plano internacional, o roteiro de 2025 dá a medida das pretensões da galeria. Presença em eventos como Frieze Los Angeles, ARCO Madrid, Art Basel Hong Kong, Expo Chicago, Art Basel Basel, Frieze Masters e Art Basel Miami Beach, além das nacionais SP-Arte, ArtRio, Feira ArPa e SP-Arte Rotas. São várias feiras internacionais num único ano, número que coloca a Almeida & Dale no mesmo patamar operacional das grandes galerias europeias e norte-americanas. E o próximo passo já está no horizonte: a abertura de uma sede em Paris, prevista para 2027, além da nova unidade na Rua Estados Unidos, em São Paulo.

“Não se trata de adequar a produção a um padrão internacional, mas de posicioná-la dentro desse circuito com escala, continuidade e presença”, afirma Antônio Almeida. A pergunta que paira sobre toda essa movimentação é inevitável. Como uma galeria brasileira navega pelo circuito global sem se tornar uma versão de si mesma adaptada para consumo externo? Almeida e Dale repetem a resposta de formas diferentes ao longo da conversa. Isso significa investir em publicações, apoiar catálogos dedicados, garantir que artistas representados pela galeria entrem nos acervos de instituições como o Museum of Contemporary Art Chicago, o ICA Miami e o El Museo del Barrio, em Nova York.

Em termos curatoriais, a galeria aposta numa lógica que recusa a separação entre mercado primário e secundário, entre legado e contemporaneidade. A exposição “Vetores”, que reúne obras do Concretismo, Neoconcretismo, Grupo Ruptura e da geração de 1980, ao lado de figuras dos modernismos internacionais, é o exemplo mais citado pelos fundadores.

“Não se trata de adequar a produção a um padrão internacional, mas de posicioná-la dentro desse circuito com escala, continuidade e presença”, diz Almeida.



Composição de Lygia Clark (1956)

Girl with Thoughts”
(2014), de Saint
Clair Cemin





“Apocalypse Now” (2022), de Alex Červený

“Não se trata de estabelecer uma genealogia, mas de tornar visíveis forças que atravessam diferentes momentos da produção artística”, diz Dale. Na SP-Arte de 2026, a galeria levou essa lógica ao extremo e colocou no mesmo estande uma obra de Marina Woisky, artista da nova geração, ao lado de uma peça de Louise Bourgeois, uma das figuras mais seminais do século 20.

Tudo isso configura o que Almeida e Dale chamam de galeria global. Uma estrutura descentralizada, construída em rede, com presença física em diferentes regiões do Brasil e conexões ativas nos Estados Unidos, Europa e Ásia. Para quem acompanhou o início da Almeida & Dale em 1998, quando o desafio era simplesmente organizar um mercado secundário que operava à sombra, a frase soa menos como slogan e mais como constatação. O mapa da arte, de fato, está sendo redesenhado. ▀

• NÚMEROS

- A galeria foi fundada em 1998, na cidade de São Paulo
- Hoje são mais de 50 artistas e espólios representados
- Só em 2025, participaram de oito feiras internacionais
- A abertura da galeria em Paris está prevista para 2027

O cotidiano encantado de Parintins

por Fabio Audi

O olhar do fotógrafo sobre o festival amazonense busca ir além do espetáculo no Bumbódromo para revelar a alma da Ilha. Nas imagens, o encantamento se entrelaça com o cotidiano, mostrando como a paixão visceral do povo pelos bois Caprichoso e Garantido transforma a vida mundana em pura magia

Parintins é uma ilha no coração da Amazônia, onde a vida acontece em dois registros simultâneos: o da rotina e o do encantamento. A cidade se divide entre Garantido e Caprichoso, e o festival que dá nome ao lugar é um caldeirão de mitos, memórias e expressões da cultura amazônica.

Essa série nasceu do desejo de fotografar não o festival em si, mas o que existe ao redor dele. A preparação, o silêncio antes do ritual, a vida que segue enquanto o personagem se constrói. Interessava-me o momento de passagem, quando a pessoa comum se torna figura mítica, quando a rua vira cenário, quando a floresta deixa de ser paisagem e vira presença.

Trabalhei buscando uma fotografia que mantivesse essa ambiguidade. Imagens que não fossem nem puramente documentais, nem totalmente fabuladas. Algumas pedem a nitidez do retrato direto; outras pedem o borrão, o movimento, a luz que distorce e revela. Foi uma decisão estética conduzir o olhar entre o real e o encantado, sem hierarquizá-los.

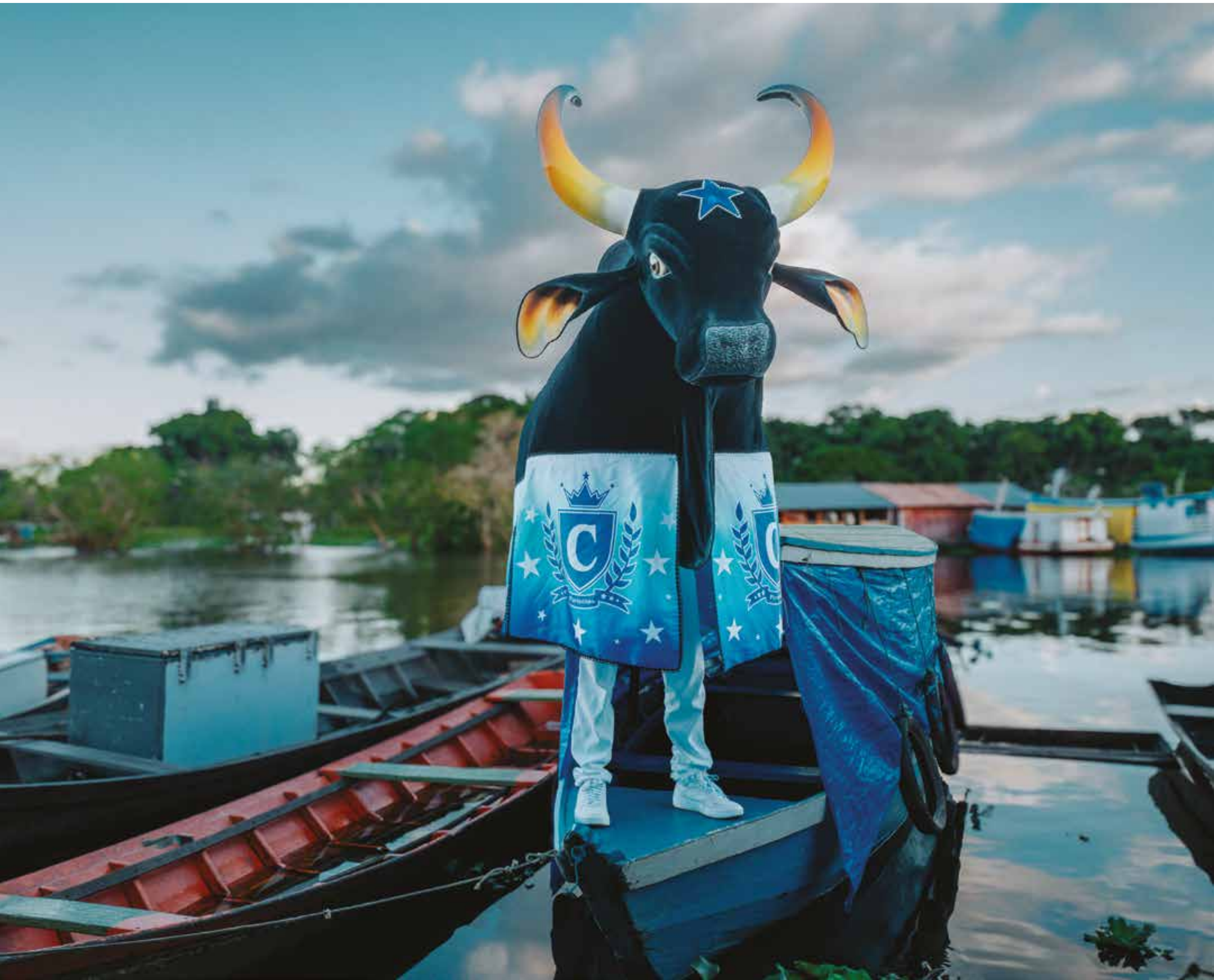
O desafio era fotografar de fora e de dentro ao mesmo tempo. Olhar com a distância de quem chega e com a entrega de quem se deixa contaminar pela força do lugar. A Amazônia tem algo de super-herói nesse sentido, a vida civil convive com algo mágico e poderoso, sempre prestes a emergir. A chuva, a floresta, os bichos. Tudo ali inspira potência.

















GLENMORANGIE

SINGLE MALT SCOTCH WHISKY



SIGNET



THE DARK SIDE OF DELICIOUS

A unique chocolate malt whisky

APRECIE COM MODERAÇÃO. PRODUTO DESTINADO A ADULTOS

Direção Criativa

Christian Gebara

Comitê Editorial

Alex Salgado, Marina Daineze,
Dante Compagno,
Sabrina Romero, Raphael
Mesquita e Renato Winnig

Edição Executiva

Isaac Trabuco

Relações Públicas

Juliana Chagas

Coordenação de Conteúdo

Janaina Felix e Richard Costa

**Estratégia de Canais e
Distribuição**

Renata Taliberti e
Larissa Farese

Publicidade e Comercial

Julio Mazzoni Tortorello
(julio.tortorello@telefonica.com)

Direção de Redação

Luciana Bugni

Edição de Arte

Isabella Pisaneski

Identidade Visual

André Stefanini e
Cristiano Gonçalo

Produção Executiva

Geórgia Costa Araújo

Coordenação Executiva

Rafaela Akkari

Textos

Alexandre Petillo, Barbara
Demerov, Clarissa Sayumi,
Diego Olivares,
Eduardo Viveiros, Fabio
Audi, Felipe Machado, Joyce
Pascowitch, Miriam Gimenes,
Milene Chaves, Rodrigo A.
Bressan, Rodrigo Casarin e
Roberta Malta

Revisão

Gabriel Naldi e Joice
Karoline Vasconcelos
dos Santos

Mídias Sociais

Maria Rosa Teles, Emanuel
Antônio e Alex Carvalho

Produção

Coração da Selva
Transmídia S/A

Estamos no Instagram

📷 [**velvet.brasil**](https://www.instagram.com/velvet.brasil)

Mais sobre a Velvet

Fale com a equipe

Acesse edições anteriores

Escolha como quer receber a Velvet

Acompanhe eventos da Casa Vivo

VELVET